



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Cristiana Araújo Pereira

**A Educação para a Sexualidade
no Jardim de Infância**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Cristiana Araújo Pereira

A Educação para a Sexualidade no Jardim de Infância

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação Pré-escolar

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Zélia Ferreira Caçador Anastácio

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição-Compartilhalgal
CC BY-SA**

<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>

AGRADECIMENTOS

O presente relatório de estágio resultou de uma longa caminhada de dois anos, onde muitas foram as batalhas e os desafios. Confesso que não foi uma caminhada fácil, mas fez-me crescer como pessoa e profissional.

Chegando ao fim desta minha longa caminhada, é hora de agradecer às pessoas que a tornaram possível e que de alguma forma contribuíram para a minha aprendizagem. Assim, quero agradecer às excelentes profissionais com as quais tive o privilégio de conviver e aprender.

À professora Doutora Zélia Anastácio, por ter aceitado este desafio e voluntariamente me ajudar a desenvolver da melhor forma este projeto.

À professora Cristina Parente, pela paciência e compreensão.

Às diretoras do Jardim de Infância onde decorreu o meu estágio, por me aceitarem e acolherem na instituição com muito carinho e sempre muito disponíveis.

Às Educadoras cooperantes, pela forma como me receberam, sempre disponíveis para ajudar.

Às assistentes operacionais com quem tive o prazer de trabalhar e que me ajudaram imenso nas intervenções.

Não poderia deixar de agradecer também às crianças de ambos os contextos, que me fizeram sonhar, que me ensinaram muito e que me receberam com muito amor. Ficarão para sempre no meu coração.

Aos pais das crianças que me acolheram com tanto carinho e contribuíram para o desenvolvimento deste projeto.

Às minhas chefias e colegas de trabalho, por permitirem a flexibilização no meu horário de forma a conseguir conciliar tudo.

Finalizo os meus agradecimentos mencionando os meus familiares que me incentivaram e apoiaram nos momentos mais difíceis, tornando este momento possível, e principalmente à minha filha que foi a pessoa mais afetada com a ausência da mãe. Desculpa Filha! Obrigada a todos, de coração.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A Educação para a Sexualidade no Jardim de Infância

RESUMO

No âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada I e II do Mestrado em Educação Pré-escolar, foi realizado o presente relatório de estágio relativo ao projeto de intervenção pedagógica implementado em contexto de Jardim de infância, numa sala de creche, com um grupo de 19 crianças de 1 a 2 anos de idade e numa sala de pré-escolar, com um grupo de 21 crianças de 5 a 6 anos de idade.

Para a intervenção pedagógica foi adotada uma abordagem ao tema, “A educação para a sexualidade no Jardim de Infância” , tendo em conta os interesses das crianças através de uma perspetiva de ensino-aprendizagem socio construtivista. Esta teve como principal objetivo promover experiências de aprendizagem significativas acerca da temática, tendo em conta a faixa etária e respeitando sempre os interesses das crianças.

A investigação foi baseada na abordagem de investigação-ação que inclui diagnóstico, planificação, ação, observação e reflexão, sendo essencialmente qualitativa.

No geral, os resultados revelaram-se positivos na medida em que foi possível através da implementação das atividades verificar que as crianças confrontaram as suas ideias prévias com a realidade empírica, colocando em questão o conhecimento anteriormente adquirido. Apesar de o projeto de intervenção estar centrado nas áreas de conhecimento do mundo, as atividades foram planificadas de forma flexível e interdisciplinar, abordando todas as componentes do currículo. Com a realização deste estudo foi possível constatar que as crianças se envolvem ativamente na construção das suas aprendizagens e o/a Educador/a apresenta uma função essencial como mediador/a de conhecimento, facultando meios e experiências para dar resposta aos interesses e curiosidades das crianças. Através do diálogo com alguns pais, foi possível verificar que as crianças eram capazes de falar sobre o assunto e estavam sensibilizados para o tema.

As atividades implementadas mostraram influenciar positivamente as ideias das crianças, pais e até educadoras e auxiliares da instituição relativamente à temática da sexualidade.

Palavras-Chave: Construtivismo; Investigação-ação; Sexualidade.

Sexual education in kindergarten context

ABSTRACT

The present internship report was prepared under the scope of the curricular unit of Supervised Teaching Practice I and II of the master's degree in Preschool Education and it's related to the pedagogical intervention project implemented in context of kindergarten, in a nursery room with a group of 19 children from 1 to 2 years old and in a preschool room, with a group of 21 children aged 5 to 6 years.

For the pedagogical intervention, the theme was "The education for sexuality in kindergarten" , considering children's interests through a social constructivist teaching-learning perspective. The main goal was to promote significant learning experiences on the subject, considering the age and always respecting children's interests.

Investigation was based on the research-action approach, which includes the steps diagnosis, planning, action, observation, and reflection, being essentially qualitative.

Overall, the results were positive as it was possible, through the activities implemented, to validate that children confronted their previous ideas with empirical reality, questioning knowledge previously acquired. Despite the intervention project was focused on the areas of world knowledge, the activities were planned in a flexible and interdisciplinary way, addressing all curriculum components. With this study, it was possible to see that children are actively involved in the construction of their learning and the educator has an essential role as a knowledge mediator, providing means and experiences to answer children's interests and curiosities. In some dialogues with the parents, it was possible to check that children were able to talk about the subject and were sensible to the topic.

The activities implemented shown a positive influence on children's , parents' , educators' , and institution assistants' ideas regarding the theme of sexuality.

Key words: Constructivism; research – action; Sexuality.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - Caracterização Dos Contextos Educativos De Intervenção E Investigação ...	3
Caracterização Geral do Contexto Educativo	3
Meio socioeconómico e diversidade sociocultural da população	3
Localização geográfica e ambiental	3
O Contexto Educativo	3
Caracterização dos grupos de crianças	4
Contexto de Creche	4
Interesses do grupo de crianças.....	5
Contexto Pré-escolar	5
Interesses do grupo de crianças.....	5
Organização do espaço das salas.....	6
Em contexto de Creche.....	6
Em contexto Pré-escolar.....	6
Organização da Rotina Diária	7
Em contexto de Creche.....	7
Em contexto Pré-escolar.....	7
CAPITULO II – Enquadramento Teórico	9
Enquadramento pedagógico e científico	9
A Educação para a Sexualidade e o Envolvimento das Famílias	11
Importância da Formação Docente na Área da Educação para a Sexualidade	12
A Educação para a Sexualidade no Jardim de Infância	13
Sexualidade infantil.....	14
Sexualidade quadro legal e normativo existente em Portugal.....	15
CAPÍTULO III - Plano Geral de Intervenção	16
Identificação da problemática e intervenção pedagógica	16
Objetivos de investigação que sustentam este projeto.....	18

Objetivos de intervenção	18
Estratégias de Investigação/Intervenção.....	19
Técnicas e instrumentos de recolha de dados	19
Observação	20
Diário Reflexivo	21
Questionários	22
Registos fotográficos	22
Jogo	23
Avaliação.....	23
CAPÍTULO IV – Desenvolvimento e avaliação da Intervenção Pedagógica	24
Descrição das atividades desenvolvidas no projeto de intervenção no contexto de Creche.	24
Contextualização geral	24
Resultado e Reflexão das intervenções	26
Primeira Intervenção 18 de Maio 2021	26
Contextualização / Descrição da atividade.....	26
Reflexão acerca dos resultados	27
Segunda Intervenção 19 de Maio de 2021	28
Contextualização / Descrição da atividade.....	28
Reflexão acerca dos resultados	29
Terceira Intervenção de 25 de maio de 2021	30
Contextualização / Descrição da atividade.....	30
Reflexão acerca dos resultados	31
Quarta Intervenção 21 de Junho de 2021	33
Contextualização / Descrição da atividade.....	33
Reflexão acerca dos resultados	34
Quinta Intervenção 22 de Junho de 2021	35
Contextualização / Descrição da atividade.....	35
Reflexão acerca dos resultados	36
Sexta Intervenção 23 de Junho de 2021	37
Contextualização / Descrição da atividade.....	37
Reflexão acerca dos resultados	39
Avaliação.....	39

Descrição das atividades desenvolvidas no projeto de intervenção no contexto de pré-escolar. .	40
Contextualização geral	40
Resultado e reflexão das intervenções	44
Primeira Intervenção 2 de Maio 2022	44
Contextualização / Descrição da atividade.....	44
Reflexão acerca dos resultados	45
Segunda Intervenção 3 de Maio de 2022	47
Contextualização / Descrição da atividade.....	47
Reflexão acerca dos resultados	49
Terceira e quarta Intervenção de 6 e 9 de Maio de 2022.....	51
Contextualização / Descrição da atividade.....	51
Reflexão acerca dos resultados	53
Quinta e Sexta Intervenção 10 e 12 de maio de 2022	55
Contextualização / Descrição da atividade.....	55
Reflexão acerca dos resultados	57
Sétima Intervenção 13 de Maio de 2022.....	64
Contextualização / Descrição da atividade.....	64
Reflexão acerca dos resultados	65
Oitava Intervenção 16 de Maio de 2022.....	67
Contextualização / Descrição da atividade.....	67
Reflexão acerca dos resultados	68
Análise dos desenhos	70
Nona Intervenção 17 de Maio de 2022	72
Contextualização / Descrição da atividade.....	72
Reflexão acerca dos resultados	73
Décima Intervenção 19 de Maio de 2022.....	74
Contextualização / Descrição da atividade.....	74
Reflexão acerca dos resultados	76
Décima primeira Intervenção 28 de Junho de 2022	77
Contextualização / Descrição da atividade.....	77
Reflexão acerca dos resultados	83
Avaliação.....	85

CAPÍTULO V – Considerações Finais	86
Reflexão Crítica.....	86
Considerações Finais.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
Apêndices.....	94

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Imagens da leitura e exploração do livro “Pipo e Fifi para bebês”.....	27
Figura 2 - Imagens da construção dos amigos Pipo e Fifi.....	29
.....	29
Figura 3 – Imagens da exploração dos bonecos sexuados, a Maria e o João.....	31
Figura 4 – Imagens dos elementos da intervenção: fantoches em E.V.A, Caixa dos afetos e cartões com demonstrações de afetos.....	33
Figura 5 – Imagens da leitura e exploração do livro “O Monstro das Festinhas” com o recurso a fantoches em E.V.A	33
.....	33
Figura 6 - Imagens da realização do jogo da caixa dos afetos	34
Figura 7 - Imagens da montagem de um puzzle de uma menina e um de menino	36
Figura 8 - Capa do Livro “O Monstro das Cores”	37
Figura 9 - Imagens da exploração livre de diferentes sensações.....	38
Figura 10 - Imagens da exploração de bolas de gel coloridas.....	38
Figura 11 - Imagens da Newsletter do projeto	38
Figura 12 - Imagens da apresentação dos bonecos sexuados, a Maria e o João.....	44
Figura 13 -Capa do livro “Será que a Joanelinha tem uma pilinha” de Thierry Lenain	45
Figura 14 - Imagens da exploração livre dos bonecos sexuados, a Maria e o João.....	48
Figura 15 -Imagens da realização do grafismo do “eu” com recurso do espelho	48
Figura 16 - Imagens da realização do jogo “A guerra dos sexos”	48
Figura 17 - Cartazes resultantes do jogo “A guerra dos sexos”	49
Figura 18 - Grafismo realizado antes da implementação.....	49
Figura 19 - Grafismo após intervenção com recurso ao espelho.....	50

Figura 20 - Imagens da familiarização e utilização das ferramentas de medição.	52
Figura 21 - Imagens da construção e análise dos gráficos de altura.....	52
Figura 22 -Gráficos de barras da altura à nascença e da altura atual das crianças	53
Figura 23 - Capa do livro	56
Figura 24 - Imagem da Leitura e exploração do livro “A viagem de Peludim”de Sara Rodi e Vânia Beliz.	56
Figura 25 - Imagens da construção do peludim, partilhadas pelos pais.....	56
Figura 26 - Desenhos da perceção das crianças sobre o bebé na barriga da mãe, antes da intervenção	64
Figura 27 - Desenhos da perceção das crianças sobre o bebé na barriga da mãe após intervenção ...	67
Figura 28 - Perceções anteriores à intervenção	70
Figura 29 - Perceções após intervenção.....	70
Figura 30 – Perceções anteriores à intervenção	71
Figura 31 - Perceções após intervenção.....	71
Figura 32 - Desenhos dos frisos cronológicos.....	72
Figura 33 - Imagens da realização da atividade “Eu sou assim”	75
Figura 34 - Imagens da realização do livro “A mãe grávida”	76
Figura 35 - Imagens da exposição para os pais e comunidade educativa	78

INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio insere-se na Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada I e II do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Universidade do Minho. Foi realizado num contexto de creche, com um grupo de 19 crianças com 1-2 anos de idade e num contexto de pré-escolar com um grupo de 21 crianças com 5-6 anos de idade, constituindo o resultado de uma intervenção pedagógica com dimensão pedagógica na lógica de investigação-ação. A principal finalidade deste trabalho foi a integração das experiências de ensino e aprendizagem vivenciadas ao longo da prática do ensino supervisionada e a mobilização de saberes científicos e pedagógicos no desenvolvimento e avaliação de um projeto educativo e curricular à luz de perspetivas adequadas que fomentem a aprendizagem das crianças. O presente relatório de estágio narra todo o percurso realizado de ensino aprendizagem ao longo de todo o processo em contexto de prática pedagógica com base na reflexão e investigação realizada. Em ambos os contextos foi realizada uma investigação sobre o tema geral “A Educação para a Sexualidade no Jardim de Infância”, levantado no decorrer das observações. A investigação é um capítulo deste trabalho, sendo esta um dos “meios utilizados pelo homem para procurar a informação de que necessita para alargar os seus conhecimentos” (Sousa, 2005, p.11).

Para a realização deste projeto foi escolhida a abordagem ao tema “A Educação para a Sexualidade no Jardim de Infância”, partindo de um problema diagnosticado dentro das salas e uma vez que a sexualidade é uma das temáticas da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania assumida pelo Ministério da Educação (Direção-Geral da Educação. (2017). Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Aprendizagens_Essenciais/estrategia_cidadania_original.pdf), bem como um exercício para a cidadania.

O Presente projeto de intervenção pedagógica teve como principais objetivos:

- ✓ Proporcionar às crianças meios para tomar consciência da sua identidade;
- ✓ Desenvolver uma imagem corporal e autoestima positiva;
- ✓ Promover o respeito pelas diferenças;
- ✓ Satisfazer a curiosidade sexual promovendo o respeito em relação ao próprio corpo e ao dos outros;
- ✓ Promover a compreensão de que os afetos e as emoções são expressos de

muitas maneiras diferentes;

✓ Desenvolver atitudes de aceitação da sua própria experiência e expressão de emoções;

✓ Estimular atitudes positivas em relação a emoções diferentes em circunstâncias diferentes;

✓ Desenvolver na criança a consciência dos seus direitos e a capacidade de comunicar o que gosta e o que não gosta que lhe façam;

✓ Desenvolver a compreensão e respeito pelo “Não” ou “Sim” dos outros;

✓ Reconhecer a existência de dois sexos;

✓ Reconhecer o processo e evolução de um novo ser - fecundação, gestação e parto.

O presente relatório é constituído por cinco capítulos. O Capítulo I refere-se à caracterização dos contextos educativos de intervenção e investigação. O Capítulo II apresenta o enquadramento teórico. No Capítulo III encontra-se o plano geral de intervenção. No Capítulo IV descreve-se o desenvolvimento e avaliação da intervenção pedagógica. Por último, o Capítulo V apresenta as considerações finais, onde faço uma breve conclusão, refiro algumas limitações do projeto e reflito o percurso que fiz a nível pessoal e profissional, procurando sistematizar o conjunto de aprendizagens que realizei.

CAPÍTULO I - Caracterização Dos Contextos Educativos De Intervenção E Investigação

Este primeiro capítulo pretende dar a conhecer, de forma muito resumida, o contexto educativo onde foi realizada a intervenção pedagógica. Toda a informação foi recolhida através da consulta do Projeto Educativo da instituição, do Plano Curricular dos grupos com os quais trabalhei e das interações estabelecidas com as crianças e com as Educadoras Cooperantes.

Caracterização Geral do Contexto Educativo

A prática de ensino supervisionada, na qual foi desenvolvido o projeto de intervenção pedagógica, decorreu numa sala de creche e numa sala de Jardim de Infância.

Meio socioeconómico e diversidade sociocultural da população

A instituição insere-se numa zona caracterizada pelo Anuário Estatístico da região norte (2004-INE), como uma área deprimida demograficamente, pelo decréscimo acentuado da população desde a década de 60, assente sobretudo em fatores migratórios, provocado pela falta de oportunidades de sucesso económico e social. É notória a desertificação das povoações mais distantes do concelho e consequentemente a população apresenta-se envelhecida e com poucos recursos económicos.

A instituição é frequentada por cerca de 93 crianças, distribuídas por 43 em creche e 50 em jardim-de-infância. Fundamentalmente, pode dizer-se que se trata de um meio muito heterogéneo.

Localização geográfica e ambiental

O Jardim de Infância e Creche foi inaugurado em 1983 com o objetivo de dar resposta às necessidades das famílias do concelho, coincidindo com uma crescente preocupação governamental com o desenvolvimento e bem-estar das crianças.

O Jardim de Infância e Creche abrange a população de um concelho situado no Minho interior, estendendo-se ao longo do Rio Lima (Alto Minho) e pelas serranias da Amarela. O concelho onde se situa a instituição é fortemente marcado pela interioridade, sendo constituído por 17 freguesias.

O Contexto Educativo

O Centro Educativo possui as valências de Creche e de Jardim de Infância.

As crianças da Creche e do Jardim de Infância estão organizadas em grupos e distribuídas de acordo com a faixa etária.

A creche é constituída por três grupos correspondentes às idades 0-1 anos, 1-2 anos e 2-3 anos, respetivamente, e o Jardim de Infância por três grupos, correspondentes às idades dos 3, 4 e 5 anos.

O horário de funcionamento da Creche e do Jardim de Infância é das 7.45h às 19.00h.

Desde o Berçário até à sala de cinco anos, as Educadoras e as Assistentes Operacionais fazem o acompanhamento do grupo de crianças dos anos letivos anteriores. O Conselho Pedagógico é um órgão de orientação educativa, sendo composto por Educadoras, Auxiliares da Ação Educativa e Coordenadora Pedagógica.

A Coordenadora e as Educadoras reúnem diariamente para reflexão, partilha, corresponsabilização e encontro de ideias para avaliar e planificar a atividade educativa. Com os Auxiliares da Ação Educativa reúne quinzenalmente para reflexão, formação pedagógica, normas de procedimento e/ou outros assuntos considerados relevantes para a qualidade educativa.

Com estes grupos, pretende-se promover o envolvimento de todos os profissionais nos Projetos da Instituição e, desta forma, incentivar a inovação e qualidade do trabalho desenvolvido.

O edifício foi construído de raiz para o efeito, inaugurado em 1983 com 7 salas e acolhendo idades compreendidas entre os 3 meses e os 6 anos. Ao longo dos anos, foram efetuadas obras de ampliação, de conservação e de transformação.

Ao nível dos exteriores, salienta-se os amplos espaços de recreio, um específico para a creche e outro para o Jardim de Infância, onde as crianças podem usufruir de atividades de lazer e ginástica ao ar livre.

Caracterização dos grupos de crianças

A intervenção pedagógica ocorreu em duas salas distintas: em contexto de creche, na sala dos 2 anos de idade e posteriormente, em contexto pré-escolar na sala dos 5 anos de idade.

Contexto de Creche

A sala era constituída por 19 crianças dos quais 7 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, de idades compreendidas entre os 17 e os 26 meses. As crianças deste grupo nasceram no ano de 2019, sendo que a criança mais velha tinha completado 2 anos no dia 20 de fevereiro e a criança mais nova só os completaria a 17 de dezembro. Desta forma, o ano letivo iniciou-se com duas crianças com menos de 1 ano de idade. Do grupo, 17 crianças frequentavam a sala dos 0/1 anos e 2 tinham ingressado pela primeira vez em contexto de pré-escolar. No que se refere ao nível socioeconómico, o grupo de pais inseria-se na classe média/alta. Considerando as observações realizadas nos primeiros

momentos da fase de diagnóstico, em contexto de creche, pude constatar que o grupo, apesar de heterogéneo, no geral era ativo, bem-disposto, curioso e afetuoso.

Interesses do grupo de crianças

Os interesses deste grupo de crianças encontravam-se mais direcionados para as atividades de jogo simbólico, expressões (dramatização, música, dança, pintura). Neste sentido, as áreas do quarto, cozinha, construções eram as mais solicitadas pelo grupo. Todo o grupo desfrutava com satisfação da música, tanto no formato cantado como no formato áudio. As crianças gostavam de participar em todos os momentos da rotina diária, realizando algumas tarefas como marcar presenças, distribuir as garrafas de água, realizar alguns recados, arrumar os brinquedos, entre outras.

Contexto Pré-escolar

A sala era constituída por 21 crianças, das quais 11 eram do sexo masculino e 10 do sexo feminino, de idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos, todas elas de nacionalidade portuguesa. Duas destas crianças tinham feito parte do grupo de finalistas no ano letivo anterior e, por opção familiar, decidiram frequentar o 1º ano apenas no ano letivo seguinte.

A educadora deste grupo, acompanhava a sala desde o ano letivo anterior até ao presente, em que decorreu o estágio.

Duas das 21 crianças tinham sessões de terapia da fala. Havia ainda uma criança a ser acompanhada pela equipa da fundação AMA Autismo de Viana do Castelo.

No que se refere ao nível socioeconómico, o grupo de pais inseria-se na classe média/alta.

Considerando as observações realizadas nos primeiros momentos da fase de diagnóstico, em contexto pré-escolar, pude constatar que o grupo era no geral muito ativo, carinhoso, curioso e alegre.

Interesses do grupo de crianças

Tratava-se de um grupo fortemente condicionado pela heterogeneidade de personalidades, de interesses e de ritmos de aprendizagem. Contudo, o grupo no geral revelava agrado por explorar materiais, o espaço que o rodeava, realizar atividades de expressões, idas ao exterior e por partilhar muitas das atividades que realizava com os restantes grupos das salas de Jardim de Infância, o que lhes permitia interagir e trocar experiências entre si. Destaco aqui o interesse que se manifestava de forma sistemática pela procura, observação e, conseqüente, exploração em contextos de sala das sementes presentes nas frutas (no momento da refeição - sobremesa). Nas saídas ao exterior o grupo

manifestava interesse pela recolha de diferentes objetos e materiais, tais como folhas, flores, pedras, paus, caracóis... entre outros, o que constitui um eixo motivador para a iniciação no mundo das ciências. Na planificação das atividades foi necessário ter em conta estes aspetos da heterogeneidade e das fases muito distintas de desenvolvimento das crianças.

Gostavam de participar em todos os momentos da rotina diária, realizando algumas tarefas como fazer alguns recados, arrumar os brinquedos, ir ao quadro escrever a data e marcar as presenças.

Organização do espaço das salas

Em contexto de Creche

O espaço pedagógico do meu centro de estágio, em contexto de creche, era um espaço amplo, luminoso com muitas janelas e com acesso fácil para o exterior. O chão das salas era revestido por material sintético, o que permitia que as crianças pudessem andar descalças, de gatas, de joelhos (...). As cores existentes nas salas eram acolhedoras, as paredes eram em tons de azul, onde se colocavam as informações, produções das crianças. Todas as mesas e armários tinham esquinas arredondadas, não existiam tomadas de eletricidade ao nível das crianças e todas as portas para o exterior tinham um fecho de segurança. As salas encontravam-se divididas por áreas de interesse, escolhidas pela educadora no início do ano letivo, de acordo com as necessidades e interesses das crianças. As áreas estavam organizadas de forma a permitir que todas as crianças visualizassem os diferentes objetos e materiais e permitia uma boa movimentação entre as diferentes áreas. Os objetos e jogos eram em quantidades suficientes para as crianças e eram bastante diversificados, o que permitia uma grande variedade de brincadeiras e explorações.

Nesta sala podíamos encontrar as quatro seguintes áreas distintas de aprendizagem: área da cozinha; área do quarto; área da biblioteca, a área das atividades. As áreas estavam organizadas de forma lógica, a biblioteca encontrava-se numa zona mais calma e iluminada da sala. A área das construções e da cozinha e do quarto encontravam-se próximas uma das outras, o que permitia às crianças transportarem facilmente materiais e objetos de uma área para a outra.

Em contexto Pré-escolar

No pré-escolar o espaço era acolhedor, relativamente amplo e luminoso, multifacetado e estimulante com várias janelas, e uma porta de fácil acesso ao exterior.

As cores existentes na sala eram acolhedoras, as paredes em tons de bege, revestidas por informações e produções das crianças.

As janelas possuíam cortinas de correr com cores azuis.

A sala encontrava-se dividida por áreas de interesse, escolhidas pela educadora com a ajuda das crianças no início do ano letivo, de acordo com as suas necessidades e interesses.

As áreas estavam organizadas de forma a permitir que todas as crianças visualizassem os diferentes objetos e materiais, permitindo também uma boa movimentação entre as diferentes áreas. Os objetos e jogos eram em quantidades suficientes para as crianças e eram bastante diversificados, o que permitia uma grande variedade de brincadeiras e explorações.

Assim, podíamos encontrar nesta sala as cinco seguintes áreas distintas de aprendizagem demarcadas pelo mobiliário baixo: área da cozinha; área do quarto; área da biblioteca; área dos Jogos; e área das ciências.

Organização da Rotina Diária

Em contexto de Creche

A rotina diária era constituída por tempos diversificados que se repetiam numa sequência relativamente estável ao longo do dia. Depois do acolhimento inicial, parte do grupo de crianças era convidado a escolher uma área de atividade para brincar. Ao mesmo tempo a educadora cooperante selecionava um pequeno grupo para realizar uma atividade por si planeada. Estas atividades eram habitualmente muito estruturadas envolvendo com frequência tarefas de exploração sensorial e atividades de desenvolvimento motor. A atividade proposta ao pequeno grupo repetia-se ao longo dos dias da semana para outros três pequenos grupos.

No período da tarde, após a sesta e a higiene pessoal a educadora iniciava a hora do conto, normalmente lendo para as crianças obras que elas traziam de casa ou que a educadora requisitava na biblioteca da freguesia.

Em contexto Pré-escolar

A rotina diária era constituída por tempos diversificados que se repetiam numa sequência relativamente estável ao longo do dia. A manhã iniciava-se com o acolhimento.

Depois do acolhimento parte do grupo de crianças era convidado a escolher uma área de atividade para brincar. Ao mesmo tempo a educadora cooperante selecionava um pequeno grupo para

realizar uma atividade por si planeada. Estas atividades eram habitualmente muito estruturadas envolvendo com frequência tarefas de papel e lápis. A atividade proposta ao pequeno grupo repetia-se ao longo dos dias da semana para outros três pequenos grupos. De facto, o grande grupo estava dividido em quatro grupos de trabalho distintos constituídos sempre pelas mesmas crianças.

No período da tarde, após o almoço a educadora priorizava a brincadeira livre no parque da escola sempre que as condições atmosféricas assim permitissem.

A instituição oferecia às crianças atividades de Enriquecimento Curricular de música e dança. O horário destas atividades complementares coincidia maioritariamente com o tempo de trabalho nas áreas.

CAPITULO II – Enquadramento Teórico

Neste capítulo pretende-se justificar e enquadrar as opções pedagógicas com base na literatura existente e a articulação indispensável entre a teoria e a prática.

Enquadramento pedagógico e científico

No contexto da educação, a temática da sexualidade é importante porque resulta de um processo de aprendizagem compartilhado por várias instituições, incluindo a escola e, também, porque revela, ao mesmo tempo, a sua diversidade constitutiva e as situações de discriminação que pode desencadear (SILVA, 2017).

Uma abordagem holística, baseada na compreensão da sexualidade como uma área do potencial humano, ajuda crianças e jovens a desenvolverem competências essenciais para os capacitar para a autodeterminação da sua sexualidade e dos seus relacionamentos ao longo dos vários estágios de desenvolvimento.

Ao contrário do que se entende muitas vezes por sexualidade, esta não inclui apenas aspetos físicos, emocionais e de interação e contactos sexuais, mas também uma variedade de outros aspetos como os sentimentos de amizade, proteção e atração.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (World Health Organization, 2010) a sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, económicos, políticos, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS):

“A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinónimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico.” (BOLETIM OMS, 2000, p. 17).

Esta definição explicita a sexualidade como fundamental para o ser humano, que não se limita a certas faixas etárias (a OMS, 2010, indica o primeiro estágio dos 0 aos 3 anos e o segundo dos 4 aos 6 anos), que está intimamente relacionada ao género e que inclui várias orientações sexuais. Desta

forma, facilmente se compreende que a educação para a sexualidade contribui para a promoção da saúde em geral.

A UNESCO (2018) enunciou uma definição de educação para a sexualidade abrangente, baseada no currículo, destacando as dimensões emocional, do respeito e dos direitos a partir da infância. Na tradução do documento pelo Brasil (UNESCO, 2019) este conceito, aí traduzido como educação integral em sexualidade, é definido da seguinte forma:

“um processo de ensino e aprendizagem com base em um currículo sobre os aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais da sexualidade. Tem por objetivo transmitir conhecimentos, habilidades, atitudes e valores a crianças, adolescentes e jovens de forma a fornecer-lhes autonomia para: garantir a própria saúde, bem-estar e dignidade; desenvolver relacionamentos sociais e sexuais de respeito; considerar como suas escolhas afetam o bem-estar próprio e o de outras pessoas; entender e garantir a proteção de seus direitos ao longo de toda a vida.” (p.16)

A UNESCO faz referência a oito conceitos-chave de igual importância, que se reforçam mutuamente e devem ser ensinados concomitantemente. São eles:

1. Relacionamentos
2. Valores, direitos, cultura e sexualidade
3. Entendendo gênero
4. Violência e garantindo a segurança
5. Habilidades para a saúde e o bem-estar
6. O corpo humano e seu desenvolvimento
7. Sexualidade e comportamento sexual
8. Saúde sexual e reprodutiva

A UNESCO preconiza a abordagem de todos estes conceitos-chave a partir dos 5 anos, estabelecendo os respectivos objetivos de aprendizagem adequados à faixa etária.

A sexualidade é uma parte central do ser humano, pois todas as pessoas nascem como seres sexuais e precisam de desenvolver o seu potencial de alguma forma. Assim, a educação para a sexualidade assume aqui um papel fundamental para ajudar a preparar os jovens para a vida em geral, bem como para neutralizar e corrigir informações e imagens enganosas às quais as crianças e os jovens têm acesso pelos média.

A nível nacional, no que concerne a esta temática, temos o Referencial de Educação para a Saúde (ME, 2017) que estabelece o tema Afetos e Educação para a Sexualidade, com os seguintes subtemas e objetivos para o pré-escolar:

1. Igualdade de género.

- Desenvolver a consciência de ser uma pessoa única no que respeita à sexualidade, à identidade, à expressão de género e à orientação sexual;

- Desenvolver uma atitude positiva no que respeita à igualdade de género;

2. Relações afetivas.

- Reconhecer a importância dos afetos no desenvolvimento individual

- Reconhecer a importância das relações interpessoais;

- Valorizar as relações de cooperação e de interajuda;

3. Valores.

- Desenvolver valores de respeito, tolerância e partilha;

4. Desenvolvimento da sexualidade.

- Ser capaz de aceitar e integrar as mudanças físicas e emocionais associadas à sexualidade, ao longo da vida;

- Ser responsável para consigo e para com os outros

5. Maternidade e Paternidade.

- Refletir para o desenvolvimento de um projeto de vida.

A Educação para a Sexualidade e o Envolvimento das Famílias

A educação para a sexualidade é uma forma de prevenção de problemas ligados à saúde sexual e reprodutiva dos jovens. Integra um processo contínuo de aprendizagem que compreende a transmissão de informação e o desenvolvimento de atitudes e competências ligadas à sexualidade humana, promovendo atitudes e comportamentos corretos e saudáveis.

Apesar de haver atualmente muita informação que as crianças e jovens podem obter facilmente sobre o tema, isso não garante que os mesmos procurem essa informação ou até que as suas escolhas sejam as mais adequadas. Assim, a educação para a sexualidade pode servir como auxílio para a formação de crianças e jovens, contribuindo para que a informação disponível acerca da sexualidade seja utilizada da melhor forma. No entanto, para que esta educação para a sexualidade seja realmente completa, é importante que não se cinja a informação sobre os aspetos físicos do ato sexual e que aborde outros aspetos essenciais como os sentimentos e os afetos.

No âmbito da educação para a saúde, a educação para a sexualidade implica, para além disso, uma consciencialização do desenvolvimento das crianças e jovens por parte dos agentes educativos envolvidos, tais como famílias, escolas, comunidades, instituições, autarquias, locais de lazer, entre outros.

Tal como consideram Post e Hohmann (2011), sendo os pais e as mães os principais agentes na educação das crianças, as relações positivas que estabelecem com as instituições educativas são fundamentais para cuidados de qualidade. Desta forma, uma boa relação entre a família e o/a educador/a, promove um ambiente apoiante para as crianças, exercendo um papel de extrema importância no seu desenvolvimento equilibrado, contribuindo desta forma para o seu sucesso. Enquanto agentes primários da formação das crianças na educação para a sexualidade é fundamental que os pais se envolvam em projetos e atividades que se desenvolvem acerca da temática. Contudo, estudos internacionais demonstram que existe pouca formação quer de educadores, quer dos pais, bem como uma grande insegurança na abordagem das questões da sexualidade, embora partilhem da opinião de que é importante falar com os/as filhos/as sobre sexualidade.

Tal como Marques, et al. (2002) considera-se que a Educação para a Sexualidade tem de ser assumida como um direito das crianças e as suas famílias têm de ser encaradas como elementos fundamentais e insubstituíveis. No entanto, e pela falta de formação dos mesmos, considero que o contexto educativo se constitui, como o melhor espaço para que a educação para a sexualidade aconteça, sempre em articulação com as famílias. No entanto, é necessário apostar na formação de educadores nesta área.

Importância da Formação Docente na Área da Educação para a Sexualidade

O/a educador/a desempenha um papel fundamental na formação de crianças conscientes e capazes de viver em sociedade e por isso são também fundamentais na formação dos mesmos relativamente à educação para a sexualidade, devido às trocas afetivas exercidas com as crianças, pela sua proximidade no quotidiano e por serem modelos de comportamento.

Ao observarmos à nossa volta, facilmente percebemos que alguns educadores (principalmente as mais experientes) ainda têm receio em abordar este tema, talvez pelo conjunto de normas rígidas das religiões e da política que o tema assumiu ao longo do tempo.

Tal como nos diz Marinheiro (2015), *“O conhecimento da evolução da sexualidade desde a infância é, portanto, necessário sobretudo para educadores, pais e professores, não para impor uma educação sexual moralizadora e científica, mas sim para proporcionar às crianças a atenção e a liberdade de se exprimirem através do que estas constroem inconscientemente” (p.38)*

Para que a educação para a sexualidade seja da competência da escola, é necessário formar profissionais de educação para que sejam possuidores de competências científicas, metodológicas e relacionais para assim se poder implementar programas de Educação em Sexualidade.

De modo a garantir uma formação adequada, requer-se que o poder político assuma essa responsabilidade e que as instituições de formação docente, promovam oferta formativa de unidades curriculares e/ou cursos de educação em sexualidade, ao nível da formação inicial, contínua e pós-graduada (Teixeira & Marques, 2012)

Segundo Sanders e Swinden (1995), quando um educador ensina algo sobre a sexualidade, os seus próprios valores, atitudes e tabus são também questionados, tendo influência fatores como a idade, classe social, sexo, bem como a cultura com a qual o educador se identifica. Por conseguinte, é fundamental a formação de educadores capazes de observar e entender o que se passa na prática pedagógica e contrariar a indiferença e passividade dominantes nas instituições educativas e de formação no que respeita a esta área (Bettencourt, Campos & Fragateiro, 2000).

A Educação para a Sexualidade no Jardim de Infância

O tema, “sexualidade” ainda é nos dias de hoje um assunto tabu por se tratar do foro íntimo e pessoal. No entanto, de acordo com a literatura, a sexualidade tem vindo a tornar-se lentamente numa das áreas chave para a compreensão dos diversos fenómenos que ocorrem na sociedade e nas transformações que marcam o século atual.

Segundo a Organização Mundial de saúde (OMS), a sexualidade tem influência sobre sentimentos, comportamentos e interações do ser humano, sendo de grande importância para o desenvolvimento do próprio indivíduo, pois evidencia o modo como cada um se relaciona consigo próprio e com os outros, sendo uma das características mais determinadas pelo processo de socialização, onde tanto família como a escola tem um papel fundamental e determinante. Desta forma é compreensível que a sexualidade seja construída ao longo da vida e mediatizada por tudo o que somos como pessoas, influenciando os nossos pensamentos, os nossos afetos, os nossos esquemas mentais e até mesmo os nossos comportamentos, envolvendo processos fisiológicos e psicológicos. Vai desde o nascimento do ser humano até ao fim da sua vida, sendo influenciada por diversos fatores, variando assim de pessoa para pessoa conforme as suas experiências e vivências.

A sexualidade e educação para a sexualidade são importantes no desenvolvimento do ser humano, tendo em conta que a sexualidade envolve todas as manifestações do indivíduo no seu percurso de vida.

Contudo, a sexualidade não é um tema fácil de abordar, pois está rodeada de crenças, tabus e mitos, o que a torna motivadora, mas ao mesmo tempo condicionada.

Desta forma, a escola constitui um espaço e um tempo de grande importância, pois para além de ser um espaço de grande permanência temporal, proporciona o relacionamento, a proximidade e a intimidade entre crianças e jovens, contribuindo para a educação afetiva e para a construção de personalidade e identidade dos mesmos. Por este motivo é importante que a educação para a sexualidade na escola aborde junto das crianças e jovens, para além dos aspetos biológicos e médicos, as vertentes pessoais e sociais da sexualidade, auxiliando o papel dos pais na educação dos filhos, já que estes revelam muitas vezes alguma dificuldade em abordar o tema com os mesmos.

Ainda que de forma muito lenta, as atitudes e mentalidades em relação ao sexo têm vindo a mudar sucessivamente e a despertar o interesse e a sensibilização da sociedade para todas as questões da sexualidade. Assim, a educação para a sexualidade pode ser compreendida como um processo educativo que auxilia as pessoas a olharem para a sexualidade como um constituinte positivo do seu corpo, das suas vidas e das relações que estabelecem com os outros. Tende a ser geralmente assumido que a educação para a sexualidade deve ser um processo contínuo, fazendo parte do percurso educativo das crianças e jovens, tendo em conta as suas necessidades e os estádios de desenvolvimento, não existindo por isso uma idade fixa para o seu início (Marques, Vilar & Forreta, 2002).

Ao abordarmos a educação para a sexualidade desde a educação pré-escolar, também estamos a contribuir para uma verdadeira promoção e educação para a saúde, uma vez que se promove a adoção de comportamentos saudáveis precocemente (Navarro, 1989).

Segundo Cortesão, Silva e Torres (1989), “a sexualidade é uma dimensão da vida humana demasiado importante para que se deixe ao sabor do acaso ou da crença de que tudo o que diz respeito à sexualidade se faz por aprendizagem intuitiva. Os professores, quer queiram quer não, têm uma pesada responsabilidade à qual não se podem furtar: têm de refletir, de se preparar para criarem as condições necessárias para que as crianças cresçam em toda a sua plenitude e encarem de uma maneira sã tudo aquilo que diz respeito ao sexo, para que se sintam bem consigo próprias, para que vão criando critérios e valores que lhes permitam viver uma vida com qualidade” (p.41).

Sexualidade infantil

O sexo deve deixar de ser encarado como um segredo, sendo que a educação para a sexualidade deve começar muito cedo, pois tudo começa a ser perceptível quando as crianças brincam pela primeira vez com os seus genitais e mais tarde quando questionam sobre o porquê de o pai ter um pênis e a mãe ter uma vulva. Logo aqui o diálogo deve ser aberto, transmitindo a ideia de que o

assunto não deve ser tabu e de que não há qualquer problema em falar sobre o assunto, possibilitando à criança a oportunidade de colocar qualquer dúvida que lhe possa surgir. “Os pais e outros educadores estão conscientes da urgência de uma intervenção educativa nesta área da personalidade, mas sentem-se com dificuldades de a assumir, muitas vezes por não se acharem preparados, e optam pelo silêncio.” (Galvão, 2000, p. 7).

É importante que a criança se familiarize com o assunto desde cedo para que este não se torne um assunto tabu, pois a criança não escapará à puberdade em que passará de criança a adulto, onde tudo se transforma. De acordo com Galvão (2000, p. 14) “A Educação Sexual apresenta-se como uma proposta de preparação para a vida pessoal, social, comunitária e particularmente familiar, que se alimenta em valores de vida, de civismo, de amor e de responsabilidade, de dignidade e de respeito humano.”.

Sexualidade quadro legal e normativo existente em Portugal

O enquadramento legal português - Lei nº 60/2009 e Portaria nº 196-A/2010 - esclarece a aplicação da educação para a sexualidade em meio escolar. Contudo, a referida Lei e a Portaria que a regulamenta, não contemplam o ensino pré-escolar. O mesmo acontece com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE) (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016), consideradas uma referência para os/as educadores/as de infância no desenvolvimento das suas práticas pedagógicas.

Apesar de as OCEPE não referirem explicitamente a educação para a sexualidade, organismos internacionais como a UNAIDS, UNFPA, UNICEF e WHO, apresentam uma proposta, “Orientação Técnica Internacional sobre a Educação em Sexualidade”. O documento publicado pela (World Health Organization 2010) apresenta a abordagem da temática a partir da faixa etária dos 0 aos 4 anos e o da UNESCO (2018) inicia num currículo destinado a crianças e jovens dos 5 aos 18 anos de idade, prolongando-se para a vida adulta.

CAPÍTULO III - Plano Geral de Intervenção

Neste capítulo serão explicitadas e fundamentadas as opções metodológicas adotadas, com base na dimensão investigativa como um processo reflexivo. Aqui apresentarei a identificação da problemática que suscitou a intervenção pedagógica, bem como os objetivos deste projeto. Para finalizar, apresenta-se ainda neste capítulo as técnicas e instrumentos de recolha de dados e a avaliação.

Identificação da problemática e intervenção pedagógica

O tema surgiu da observação e das interações com as crianças, sendo possível constatar que se encontram numa etapa de desenvolvimento onde os aspetos emocionais desempenham um papel fundamental e constituem a base ou a condição necessária para qualquer progresso nos diferentes âmbitos do desenvolvimento infantil e num período muito marcado pelo desenvolvimento intelectual. Para além disso, surgiu da observação e das interações com as crianças, em que verifiquei que:

1. O tema sexualidade é um assunto pouco abordado pelas educadoras e pela instituição no geral.
2. Várias questões sobre a sexualidade são alvo de preocupações das educadoras.
3. A própria biblioteca da Vila assume não ter recursos para trabalhar o tema.

Ao longo das minhas observações fui constatando que as crianças vão construindo a sua identidade, a imagem de si mesmas, a partir das suas experiências e apropriando-se das representações que os outros constroem delas. As situações educativas vividas no jardim-de-infância são por isso muito importantes na formação dos conceitos de si mesmo, tendo o jardim-de-infância um papel fundamental na construção da identidade das crianças na medida em que é nesta fase que iniciam o seu processo de autoconhecimento.

Assim, este projeto centra-se essencialmente no desenvolvimento de atitudes respeitadas no relacionamento com os outros, na descoberta do corpo humano e diferenças corporais, no reconhecimento do corpo como sua propriedade e veículo de expressão e comunicação e na promoção da saúde em geral.

O educador assume um papel importantíssimo neste processo formativo das crianças. *“A sexualidade está na escola, faz parte dos sujeitos e não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir”,* conclui Louro (2008, p.81). Neste sentido, o meu projeto procurou criar

estratégias para orientar crianças na sua descoberta, sem que houvesse constrangimento ou trauma, bem como possibilitando novas pesquisas sobre sexualidade infantil.

Desde o nascimento os bebés aprendem o prazer do contacto corporal, do calor e da intimidade e, sem darem conta, os pais em particular enviam mensagens aos filhos relacionadas com a sexualidade, adequadas ao desenvolvimento da criança.

Como nos diz o guia da Organização Mundial de Saúde (World Health Organization, 2010) “Standards for Sexuality Education in Europe”, ao longo do processo de crescimento, as crianças e adolescentes vão adquirindo conhecimentos e desenvolvendo imagens, valores, atitudes e habilidades relacionadas com o corpo humano, com as relações íntimas e com a sexualidade, utilizando uma variedade de fontes de aprendizagem, onde se destacam as fontes informais, principalmente nos estágios iniciais de desenvolvimento. As crianças precisam de amor, espaço e apoio no seu ambiente social cotidiano para desenvolver a sua identidade sexual. Desta forma, o educador tem a importante função de reproduzir conhecimentos, e promover o desenvolvimento de atitudes e competências específicas para a educação para a sexualidade.

Este tema nem sempre é um tema fácil de tratar devido à resistência que é frequentemente encontrada com base em medos e equívocos sobre a educação para a sexualidade. No entanto, a sexualidade inclui não apenas aspetos físicos e emocionais, de interação da sexualidade e contactos sexuais, mas também inclui aspetos como a amizade ou sentimentos de segurança, proteção e atração. Se este conceito for usado torna-se mais compreensivo, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes respeitadas, construindo sociedades equitativas.

Ao tratar estes temas no Jardim de Infância, é importante ter em conta o desenvolvimento de cada criança, pois todas elas se desenvolvem a ritmos diferentes, e organizar alguma forma de cooperação com os pais de modo a assegurar o apoio necessário, garantindo um ajuste entre o papel informal dos pais e o papel formal da escola. Tal como nos dizem Hohmann e Weikart (2011), no livro *Educar a Criança* (p. 64) “Desde o início da sua vida as experiências da criança com as pessoas significativas que a rodeiam influenciam a maneira como a criança vê a si própria, e consequentemente, a maneira como interage com as pessoas em diferentes situações”. Estamos deste modo a falar de uma educação para a sexualidade holística e apropriada à idade, adequada para ensinar a refletir e adquirir as competências necessárias, ajudando a preparar as crianças e jovens para a vida em geral.

Também as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016) referem a importância do desenvolvimento de atitudes positivas na relação com os outros, nos cuidados consigo próprio, bem como a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e pela cultura.

Para trabalhar o tema com crianças em creche e Jardim de Infância os recursos utilizados serão essencialmente histórias, jogos, canções e outros materiais considerados pertinentes.

Os objetivos de investigação que sustentam este projeto são:

- ✓ Desenvolver uma imagem corporal e autoestima positiva;
- ✓ Promover o respeito pelas diferenças;
- ✓ Promover a compreensão de que os afetos e as emoções são expressos de muitas maneiras diferentes;
- ✓ Desenvolver atitudes de aceitação da sua própria experiência e expressão de emoções;
- ✓ Estimular atitudes positivas em relação a emoções diferentes em circunstâncias diferentes;
- ✓ Desenvolver na criança a consciência dos seus direitos e a capacidade de comunicar o que gosta e o que não gosta que lhe façam;
- ✓ Desenvolver a compreensão e respeito pelo “não” ou “sim” dos outros;
- ✓ Reconhecer a existência de dois sexos;
- ✓ Reconhecer o processo e evolução de um novo ser - fecundação, gestação

Como objetivos de intervenção definem-se os seguintes:

- ✓ Proporcionar às crianças meios para tomar consciência da sua identidade;
- ✓ Identificar e mobilizar conhecimentos prévios fazendo-os evoluir;
- ✓ Confrontar o conhecimento das crianças por meio da discussão;
- ✓ Satisfazer a curiosidade sexual, promovendo o respeito em relação ao próprio corpo e ao dos outros;
- ✓ Envolver as crianças de forma ativa na construção do seu próprio conhecimento;
- ✓ Envolver os pais no processo de implementação do projeto;
- ✓ Desenvolver a compreensão e a expressão oral;
- ✓ Desenvolver atividades propostas com entusiasmo e alegria.

Estratégias de Investigação/Intervenção

Para implementar este projeto segue-se uma metodologia que se aproxima da investigação-ação, dado tratar-se de um contexto específico, onde emerge um problema socioeducativo e onde há a intenção de mudar a situação através da melhoria das práticas educativas. Este tipo de investigação inclui essencialmente três fases: diagnóstico ou identificação do problema, intervenção/ação e avaliação (Cohen, Manion & Morrison, 2017).

Assim, assenta na teoria da autorregulação que é a base da competência de Aprender a Aprender, envolvendo a mobilização de estratégias metacognitivas e atitudes socio afetivas na realização de tarefas de planificação, monitorização e avaliação do processo de aprendizagem enquanto construção do conhecimento.

O modo como a educação para a sexualidade é trabalhada pode fazer toda a diferença, pois tal como defendem Hohman e Weikart (1997), as metodologias ativas e participativas são consideradas as mais adequadas por possibilitarem o desenvolvimento de saberes e competências complexas, na medida em que tornam a criança o principal agente da sua própria aprendizagem.

Desta forma, utilizaremos como estratégias principais a implementar nos contextos:

Produção de cartazes, que são uma forma de organizar a informação podendo ser utilizados para estimular a discussão à volta do tema;

Aplicação de questionários, utilizados para fazer o diagnóstico, recolher conhecimento e opiniões existentes, promover a partilha de conhecimento entre pais e filhos e fundamentalmente, envolver as famílias nas atividades desenvolvidas.

Exploração de vídeos e livros, que podem constituir uma metodologia relevante para o desenvolvimento de competências, dependendo da forma como são explorados;

Jogo, que promove o debate entre posições diferentes e permite que a criança experimente, descubra e aprenda desenvolvendo a sua inteligência e sensibilidade.

Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Para concretizar a investigação-ação será necessário que a intervenção seja sempre refletida e avaliada para que possa ocorrer o ciclo agir-refletir-melhorar. Investigação-Ação “consiste na recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais” (Bogdan & Biklen, 1991, p. 292). Assim, é necessário pensar nas formas de recolher a informação que a própria investigação vai proporcionando.

Estes instrumentos e técnicas podem ser baseados na análise de documentos, baseadas na conversação, centrando-se no diálogo e nas interações que se estabelecem entre os participantes e baseadas na observação direta e presencial dos fenómenos e situações vividas e objeto do estudo.

Assim, ao longo da intervenção, recorri a alguns instrumentos de recolha de informação, nomeadamente:

Observação

No decorrer da prática pedagógica, realizou-se uma observação atenta e um registo sucinto do que as crianças iam falando e pedindo.

Através da observação é possível conhecer diariamente os fenómenos de um determinado contexto, permitindo a sua melhor compreensão. A observação é fundamental para definir a planificação e fundamentação de atividades, permitindo ao educador conhecer as potencialidades e delinear estratégias de trabalho com as crianças, no sentido de adequar a sua intervenção. A fim de obtermos resposta à questão da importância da observação, encontramos em Post e Hohmann (2011, p. 317) que “é necessário ver e ouvir tanto quanto for possível sem fazer juízos ou tirar conclusões precipitadas”. Por vezes também é importante fazer anotações breves sobre comportamentos, expressões verbais ou faciais das crianças. Assim, a observação funciona como uma estratégia, revelando se as experiências que estamos a proporcionar ao grupo e a cada criança são motivadoras e desafiantes. De acordo com as mesmas autoras “estas notas breves e pessoais, (...), ajudam o educador a reconstruir as suas observações numa fase posterior do dia, quando tiver oportunidade de as registar com mais pormenores e de decidir com outro membro da equipa o que cada uma pode significar e o que se pode ou deve fazer a partir delas” (p. 317).

A observação é muito mais do que simplesmente olhar. Observar implica um princípio estruturado de olhar e pensar. É preciso educar os olhos e formar a mente para decifrar o significado do que é observado sustentado em teorias. A observação científica é feita de forma intencional e de modo sistemático, ordenando a informação, apontando resultados, descrevendo e principalmente interpretando significados.

Existe a observação natural ou artificial, estruturada ou não estruturada, natural ou artificial, praticante ou não praticante, tendo todas diferentes vantagens e desvantagens. Observar implica sair de si próprio, olhar para a criança tentando-se colocar no seu ponto de vista. Para isto é necessário refletir sobre o que foi visto de maneira a dar significado a essas mesmas observações, é necessário tempo e dedicação.

Devemos observar não só as crianças, mas também a organização da sala de aula, da escola, entre outras coisas.

A observação é fundamental e indissociável de toda a atividade do conhecimento. É preciso concentração no que se pretende observar, mas de uma forma estruturada, com intenção.

A observação é uma competência que tem de ser desenvolvida pois envolve atenção e presença. É necessário olhar para a criança na sua perspetiva, do seu ponto de vista.

A observação ajuda o educador a dar sentido aos indicadores chave. Isto é feito diariamente, ou seja, o que é que as crianças fizeram hoje, o que é que as suas ações nos dizem sobre elas e como podemos continuar. Contudo, muitas vezes levantam-se dificuldades inerentes à própria atividade ou processo como por exemplo ligados à perceção como operação humana, obstáculos que se prendem às características pessoais do observador, entre outros.

A observação é fundamental para que o educador possa relatar o cotidiano, refletir posturas, espaços, materiais e propostas, discutindo com os pares para melhorar o ambiente educativo.

Existe a observação participada, que permite recolher informação com o objetivo de conhecer e refletir sobre a situação observada, podendo-se exercer uma observação direta, ou indireta. Na observação direta é o investigador que recolhe os dados, enquanto na observação indireta o investigador procura o sujeito de forma a obter a informação que procura.

Para a realização dos registos o educador pode recorrer a vários instrumentos como: as anotações breves; registos de incidentes críticos; registo contínuo; histórias de aprendizagem; amostragem temporal; amostragem de acontecimentos; listas de verificação ou controlo; escalas de estimacão ou formatos com recurso à tecnologia.

Diário Reflexivo

O diário reflexivo esteve presente no final de cada intervenção realizada promovendo experiências criativas de reflexão sobre as ações realizadas. A construção de um diário reflexivo através das anotações breves ou registos de relação que permitem obter facilmente atitudes que desenvolvam o crescimento pessoal dos envolvidos. A reflexão gera um caminho para ajudar os professores e educadores a questionarem-se sobre a sua prática, pensando e repensando a mesma de forma a resolverem problemas que surgem no processo de ensino aprendizagem. Como afirma Isabel Alarcão “A reflexão é importante para os educadores, porque têm uma responsabilidade acrescida na compreensão do presente e na preparação do futuro. Compete-nos interpretar na atualidade os sinais

emergentes do provir para o qual estamos preparando as nossas crianças e os nossos jovens cuja formação a sociedade, em parte, quis confiar-nos” (Alarcão, 2001, p.10).

O recurso a registos na prática pedagógica pode atenuar dificuldades e gerar conhecimentos capazes de prever conflitos, pois a utilizar os diários reflexivos o educador pode repensar a importância do seu papel na sala, constituindo desta forma um instrumento de grande importância.

Questionários

Foram utilizados, numa fase inicial, como forma de recolha de informações individuais das crianças permitindo fazer uma análise qualitativa.

Registos fotográficos

Ao longo da implementação do projeto recorri à máquina fotográfica para registar acontecimentos.

Através da fotografia o educador de infância poderá aperfeiçoar a sua ação pedagógica e aumentar o seu desenvolvimento profissional.

Através da fotografia, o educador pode desenvolver perspetivas acerca da sua realidade educativa, pode refletir, problematizar e partilhar teorias implícitas à sua ação pedagógica, dispondo de elementos importantes para melhorar a qualidade da sua ação pedagógica utilizando estratégias de supervisão reflexiva e da fotografia pedagógica.

Cabe ao educador, reconhecer as potencialidades da fotografia em contexto educativo. Parece-me importante a ideia de que a fotografia implica uma decisão do educador em fotografar ou não a sua realidade.

A meu ver, a fotografia pode ser também importante para estimular a comunicação, o debate e a participação no contexto pedagógico, bem como permitir a compreensão da realidade por parte do educador de modo que ele possa ajustar a sua ação pedagógica e a progredir no seu desenvolvimento profissional.

As fotografias são um instrumento de documentação considerado imprescindível, possibilitando o acesso a uma diversidade de momentos de prática pedagógica. Deste modo, a fotografia pedagógica assume-se como um instrumento indispensável para a documentação e avaliação, constituindo-se como um meio potencializador da ação pedagógica e do desenvolvimento profissional do educador de infância.

Jogo

O Jogo assume uma grande importância no ensino e na aprendizagem quando utilizados como recurso pedagógico, pois deixam de ter um carácter de brincadeira, constituindo um estímulo interessante para a criança na medida em que a desafia e motiva, conduzindo-a a novas descobertas e desenvolvendo as suas competências.

Ao longo da implementação do projeto, vários foram os jogos utilizados, com diferentes estímulos e objetivos, tais como o puzzle, Jogos musicais, Jogos de interpretação de imagens, etc.

Avaliação

De forma a avaliar a implementação deste projeto de intervenção e perceber se os objetivos da investigação foram alcançados recorreremos aos registos dos dados observados em contexto utilizando como principal estratégia as notas de campo. A avaliação do projeto ocorreu de forma direta, recorrendo à observação. Para além da observação direta das crianças, o projeto foi ainda avaliado pelos membros da comunidade e pais que estiveram presentes no dia da exposição/ divulgação através de conversas informais.

Para além destas estratégias foram utilizados para avaliação:

- os trabalhos elaborados pelas crianças;
- registos fotográficos;
- trabalho final de construção do livro;
- registos de diálogos com os intervenientes e com os pais.

CAPÍTULO IV – Desenvolvimento e avaliação da Intervenção Pedagógica

Neste capítulo, apresento a documentação pedagógica, descrevendo e analisando os vários momentos do Projeto de Intervenção Pedagógica, procurando responder aos objetivos de intervenção.

Aqui apresento alguns episódios de interação com as crianças que selecionei para evidenciar as aprendizagens das mesmas sustentadas numa abordagem socio construtivista marcada pela participação de crianças e adultos na construção do saber através da partilha de ideias e conhecimentos.

A descrição e a avaliação da intervenção serão apresentadas por ordem de realização, ou seja, em primeiro lugar a intervenção realizada em contexto de Creche e a seguir a intervenção realizada no contexto de Pré-escolar.

A apresentação será feita em função das atividades desenvolvidas, indicando-se para cada uma delas uma breve descrição e correspondente análise e apresentação de resultados.

Os dados provenientes dos contributos orais foram recolhidos através da realização de notas de campo realizadas no final de cada intervenção.

Assim, apresentam-se de seguida os resultados obtidos em função das atividades desenvolvidas.

Descrição das atividades desenvolvidas no projeto de intervenção no contexto de Creche.

Contextualização geral

Este projeto foi implementado numa sala de creche e tem como tema “Os afetos, as emoções e a educação para a sexualidade em creche”.

Com as observações realizadas antes das intervenções foi possível constatar que o grupo de crianças se encontra, no geral, numa etapa de desenvolvimento onde os aspetos emocionais desempenham um papel para o desenvolvimento intelectual de cada um. A verificação de que o tema sexualidade é um assunto pouco abordado pelas educadoras e pela instituição no geral, que existem várias questões sobre a sexualidade que são alvo de preocupações das educadoras e que a própria biblioteca carece de recursos para abordar a temática, tornou-se o maior impulso para a abordagem da temática.

A intervenção em creche decorreu de maio a junho de 2021, tendo início no dia 18 de maio e fim no 23 de junho. Ao longo das semanas, fomos construindo uma Newsletter do projeto, onde fomos afixando fotografias e objetos utilizados no projeto para que as crianças pudessem ir vendo o que se ia fazendo. Para dar início à temática, tivemos em conta o hábito de leitura que a instituição apresenta e escolhemos o livro “Pipo e Fifi para Bebés” . De forma a tornar a história mais interessante para as crianças em idade de creche, tornamos o simples livro num livro de exploração sensorial, colando-lhe alguns elementos que ao longo da história as crianças vão explorando. Projetamos o livro na parede e explorámos o próprio livro impresso. Após a leitura e exploração da história, discutimos muito rapidamente, assuntos como a higiene, a utilização da fralda, quem pode ou não tocar nas nossas partes íntimas e em forma de remate, apresentamos o vídeo da história do livro.

Na segunda intervenção, foram entregues às crianças lápis de cor e lápis de cera e deixamos que as crianças pintassem livremente o Pipo e a Fifi (as personagens principais da história explorada), impressos em folhas A4. De forma a envolver os pais no tema, partilhámos com eles aquilo que andávamos a fazer, através do envio de um comunicado em papel e pedimos que em conjunto com os seus filhos, construíssem o Pipo e a Fifi em papel.

Numa terceira intervenção, apresentamos o João e a Maria, dois bonecos sexuados que nos permitiram conversar com as crianças sobre a sua própria identidade, apontando caminhos para um diálogo simples e lúdico, ensinando a diferença entre toques abusivos e toques que representam cuidado e afeto. Com a ajuda dos nossos bonecos sexuados exploramos e apontamos as diferentes partes do nosso corpo e as diferenças entre géneros, gostos e sentimentos.

Para a quarta intervenção, escolhemos a obra literária “O Monstro das Festinhas” e com a ajuda de pequenos fantoches feitos em E.V.A. explorámos a história e abordamos os afetos de forma lúdica. Para consolidar a informação transmitida pelo livro, jogámos à caixa dos afetos que consistiu em tirar uma imagem de uma caixa e reproduzir o afeto que nela estava representado.

Na quinta intervenção, explorámos diferentes partes do nosso corpo através da aprendizagem da música “Bater as palmas” de Ricardo Reis Pinto e construimos o puzzle menino e menina, que nos permitiu localizar as diferentes partes do nosso corpo e distinguir as diferenças entre menino e menina.

Para abordar as emoções e de forma a dar continuidade ao nosso tema, escolhemos a obra literária “O Monstro das Cores” para a nossa sexta e última intervenção. Após a leitura do livro, facultámos às crianças, diferentes balões, cheios com diferentes materiais (massa, arroz, farinha...) e deixámos que explorassem livremente as diferentes sensações, identificando-as posteriormente no

termómetro das emoções. Para finalizar o nosso projeto, ainda na sexta intervenção, realizámos a exploração de bolas de gel coloridas e associámos as cores das mesmas às diferentes emoções, colocando nos respetivos recipientes identificados.

De forma a dar continuidade ao que foi feito na escola, enviámos para os pais um pequeno livro informativo para facilitar na hora de abordar estes assuntos com os filhos.

Resultado e Reflexão das intervenções

Primeira Intervenção 18 de Maio 2021

Contextualização / Descrição da atividade

Para dar resposta aos objetivos, organizámos um conjunto de atividades que possibilitaram a compreensão do tema que foi proposto. Começámos por motivar as crianças com a leitura e exploração do livro “Pipo e Fifi para bebés” com a ajuda das personagens do livro (Pipo e Fifi), construídas em papel.

Ao longo da leitura da história, as crianças puderam ver, ouvir, sentir e cheirar o próprio livro. Aqui abordamos de forma clara, respeitando a linguagem das crianças as diferenças entre toques de amor e toques abusivos, abordando as partes íntimas do corpo com exemplos do cotidiano.

O livro foi também projetado na parede e as suas cores eram bastante chamativas para este grupo de crianças, o que contribuiu também para manter o grupo atento. Com a ajuda das personagens do livro transmitimos às crianças que o seu corpo é um bem e deve ser preservado.

Figura 1 – Imagens da leitura e exploração do livro “Pipo e Fifi para bebês”.



Reflexão acerca dos resultados

Após a intervenção realizada considerámos uma reflexão sobre alguns aspetos que merecem atenção e que são considerados importantes para as intervenções à posteriori. A primeira apreciação a considerar, e que foi uma das preocupações demonstradas na planificação das atividades, foi a facilidade que as crianças têm para se distraírem, o que trouxe inicialmente alguma agitação por parte do grupo, tornando-se um entrave para o seguimento desta atividade. Para atenuar a situação dividimos o grupo em dois e enquanto um grupo brincava livremente nas áreas, o outro foi connosco para uma sala ao lado para a leitura e exploração do livro. Começámos por apresentar o Pipo e a Fifi que a estagiária construiu em papel. Estes chamaram a atenção das crianças logo de imediato. Todas queriam tocar, cheirar e até abraçar.

Com o projetor, fomos passando a história na parede e ao mesmo tempo que a história era contada, as crianças tinham a oportunidade de realizar uma breve exploração sensorial do livro. Esta constante interação com as crianças permitiu chamar a sua atenção, mantendo-as atentos e interessadas na história. A certa altura ouviu-se chamar “pipo”, “fifi” ... As crianças tinham fixado muito rapidamente o nome dos amiguinhos e ao projetar a história na parede, facilmente os identificavam. No fim da leitura exploraram também as figuras do Pipo e da Fifi que acabaram sempre sem uma perna ou um braço. Ao longo da leitura do livro abordámos de forma clara, respeitando a linguagem das crianças as diferenças entre toques de amor e toques abusivos, falando sobre as partes íntimas do corpo com exemplos do cotidiano. Com a ajuda das personagens do livro tentámos também transmitir às crianças que o seu corpo é um bem e deve ser preservado. Aqui as crianças chamavam

várias vezes pelos nomes pipi e pilinha, demonstrando interesse e participação no diálogo, bem como reconhecimento dos seus órgãos genitais. Fomos questionando sobre a utilização da fralda e sua função, a hora do banho e a sua importância, que facilmente as crianças identificavam nas imagens. Uma das crianças que estava nesse momento em processo de desfralde disse: “a F não tem” e levantou o vestido para mostrar que já não usava fralda. No final da história, várias crianças choraram porque não queriam sair da sala, demonstrando terem gostado da atividade e quererem continuar a explorar os novos amiguinhos da sala.

É importante referir que todas as atividades realizadas decorreram no período da manhã, quando se conseguia ter algum tempo para trabalhar com as crianças sem que se tivesse de parar para realizar algum momento da rotina ou simplesmente ser interrompidas por algum pai que viria buscar o filho. Todas as atividades, embora posteriormente realizadas com o grupo todo, foram inicialmente trabalhadas com o grupo dividido em dois, pois enquanto um grupo brincava de forma livre na sala das áreas o outro realizava as atividades propostas na sala ao lado, normalmente utilizada para os lanches e momentos de leitura.

Segunda Intervenção 19 de Maio de 2021

Contextualização / Descrição da atividade

Esta segunda intervenção de 20 minutos, consistiu na exploração de diferentes cores e coloração de dois amigos conhecidos na intervenção anterior. As crianças escolheram e identificaram as cores dos lápis com que trabalharam para colorir o Pipo e a Fifi.

Iniciámos a semana relembrando os amigos Pipo e Fifi que tínhamos conhecido na semana anterior, através da exploração dos bonecos feitos em cartão. Com lápis de cera e lápis de cor, explorámos as diferentes cores e colorimos o Pipo e a Fifi. Conforme pensado na planificação, as crianças mais novas tentavam apanhar a folha da mesa e algumas até conseguiram agarrar e rasgar.

De modo a estimular a participação ativa das famílias no processo de ensino/aprendizagem das crianças entregámos aos pais os desenhos do Pipo e da Fifi e pedimos que, em conjunto com os seus filhos, construíssem os seus próprios amiguinhos em casa e partilhassem com o grupo, em privado, através das redes sociais. Algumas famílias colaboraram e deram feedback muito positivo acerca da atividade.

Figura 2 - Imagens da construção dos amigos Pipo e Fifi



Reflexão acerca dos resultados

Começámos por mostrar novamente Pipo e Fifi em papel às crianças que rapidamente pediram para lhes dar para a mão chamando pelos seus nomes. Após alguns minutos de exploração dos amiguinhos, demos a escolher a cada criança o boneco a pintar (o Pipo ou a Fifi). Colámos em frente de cada criança a folha com fita cola nas pontas de forma a fixar a mesma na mesa, evitando que as crianças as rasgassem ou deitassem para o chão. Depois, pedimos às crianças que escolhessem as cores que queriam utilizar, chamando pelo nome da cor. Nesta altura os mais velhos já conseguiam identificar a maioria das cores e os mais novos identificavam apenas uma ou duas. As crianças pintaram e no fim mostraram algum descontentamento em ter de parar de pintar. No final, entregámos aos pais o desenho iniciado pelas crianças de forma a terminar em casa com a sua ajuda.

Esta intervenção ajudou as crianças a relembrem os amiguinhos que conheceram na intervenção anterior. As crianças demonstraram muito interesse na realização da mesma e ficaram fascinados ao perceber que, depois de pintados, os bonecos saíram do papel e ganharam forma. Com esta atividade as crianças perceberam que podiam criar os próprios bonecos e de uma simples folha de papel pode sair um pequeno boneco com várias dimensões.

Esta atividade revelou-se muito positiva, na medida em que permitiu fomentar a imaginação, a sensibilidade e a criatividade inerentes ao desenho, como também o desenvolvimento da motricidade e da memória.

Com esta intervenção conseguimos captar a atenção dos pais estimulando a participação ativa das famílias no processo de ensino/aprendizagem das crianças, entregando aos pais os desenhos do Pipo e da Fifi e pedindo que, em conjunto com os seus filhos, construíssem os seus próprios amiguinhos em casa e partilhassem com o grupo, em privado, através das redes sociais. O feedback da atividade em casa foi muito positivo e inclusive alguns pais enviaram-me fotos e comentaram “A M ganhou dois amiguinhos novos para o seu quarto” , “A T não larga os novos amiguinhos.” , “O L adorou a atividade, agora está sempre a pedir para cortar os bonecos das folhas porque acha que se vão transformar como o Pipo e a Fifi e quer brincar com eles.” Estes comentários demonstram mais uma vez que as crianças gostaram da atividade e aprenderam com ela.

Terceira Intervenção de 25 de maio de 2021

Contextualização / Descrição da atividade

Nesta intervenção, o nosso foco mantém-se na compreensão e promoção do conhecimento da criança, relativamente ao seu corpo. A intervenção de 40 minutos teve início colocando ao dispor das crianças, dois bonecos sexuados, aos quais chamámos João e Maria, e algumas peças de vestuário de modo a despertar a curiosidade das crianças para a exploração dos mesmos. Com a exploração livre dos bonecos promovemos o jogo do boneco que consistiu em identificar nos bonecos as diferentes partes do corpo e identificar em si próprio as mesmas partes do corpo. Ao longo do jogo, foi promovido o diálogo onde se discutiram gostos, sobre as roupas da menina e do menino, sobre as cores da roupa que utilizam, sobre a expressão do rosto dos bonecos, sobre o cabelo e sobre as diferentes partes do corpo.

Figura 3 – Imagens da exploração dos bonecos sexuados, a Maria e o João



Reflexão acerca dos resultados

Desta vez a intervenção foi introduzida no jardim, no meio da brincadeira livre das crianças, esperando que as mesmas viessem de forma espontânea brincar com os amiguinhos. Coloquei uma toalha verde no chão, sobre ela os bonecos João e Maria (bonecos sexuados) e alguns elementos de vestuário dos mesmos. Aqueles dois bonecos despertaram logo a curiosidade de algumas crianças que se sentaram logo ao lado deles e começaram a explorá-los. Apresentámos os bonecos a cada uma

delas e permitimos que os explorassem livremente. Umas começaram logo a querer tirar-lhes a roupa para experimentar a outra que estava em cima da toalha. Exploram todas as partes do corpo curiosos e por isso iniciámos o diálogo com as crianças sobre as roupas da menina e do menino, sobre as cores da roupa que utilizam, sobre a expressão do rosto dos bonecos, sobre o cabelo e sobre as diferentes partes do corpo. Ao questionar sobre que roupa pertence a quem, facilmente as crianças associaram os vestidos à menina e os calções ao menino. A expressão do rosto, embora com mais dificuldade também foi associada à alegria e à tristeza, pois o João parecia estar triste e a Maria parecia estar feliz. Ao aperceberem-se da carinha triste do João as crianças abraçavam e faziam festinhas ao boneco na tentativa de o animar. Uma das crianças quando se apercebeu da expressão triste do João, abraçou-o e começou a chorar. Ao questioná-la sobre o motivo de estar a chorar a criança olhou para a expressão do boneco e voltou a abraçá-lo e a desatar em lágrimas. Perguntámos se estava a chorar porque o João estava triste e ela responde que sim. Aproveitámos para lhe perguntar o que poderíamos fazer ao João para ele ficar melhor e a criança respondeu “abraços e beijinhos”, demonstrando conhecer o sentimento de tristeza e de solidariedade ao abraçar-se ao boneco para o consolar. As crianças pareciam curiosas com o pénis do João. Tocavam, observavam e ao serem questionadas sobre o que se tratava apenas algumas responderam pipi ou pilinha. Iniciei o jogo dos bonecos questionando as crianças sobre as diferentes partes do corpo dos bonecos relacionando-os com o seu próprio corpo. A maioria das crianças conseguiu facilmente identificar as diferentes partes do corpo, à exceção dos mais pequenos que não conseguiram tirar a atenção dos bonecos para participar no jogo e outros que decidiram fugir com eles para sítios mais reservados de forma a não ter de os partilhar. Relativamente às partes íntimas, as crianças não as identificaram pelos nomes científicos, conhecendo apenas por pilinha, pila e pipi.

Um desafio e simultaneamente uma dificuldade que senti ao longo da minha implementação, foi a racionalização das estratégias a utilizar e perceber que essas estratégias iriam desencadear as ações das crianças. Outra dificuldade associada à planificação foi compreender a estreita relação entre as intencionalidades educativas, as estratégias e a avaliação. Quando colocava em prática alguma proposta e esta corria menos bem, eu questionava-me e tentava compreender o que poderia ser alterado ou qual o motivo de não ter corrido como eu esperava.

Quarta Intervenção 21 de Junho de 2021

Contextualização / Descrição da atividade

As intervenções que se seguem, enquadram-se num segundo momento da intervenção do projeto que se centrou na compreensão e promoção do conhecimento da criança, relativamente às suas emoções, sensações e a importância dos amigos e dos afetos; esta quarta intervenção de 20 minutos, consistiu na leitura exploração da história “O Monstro das Festinhas” com o recurso a fantoches em E.V.A. que a estagiária construiu. Depois da exploração da história, introduzimos uma pequena caixa, denominada a caixa dos afetos, que continha vários cartões com demonstrações de afetos (dar um abraço, dar beijinho, dar um beijinho no nariz, dar um beijinho na cara, dar um beijinho na mão, dar uma festinha...) e iniciámos o jogo da caixa dos afetos, que consistiu em retirar um cartão da caixa e reproduzir com um amigo o afeto que lhe saiu.

Figura 4 - Imagens dos elementos da intervenção: fantoches em E.V.A, Caixa dos afetos e cartões com demonstrações de afetos.



Figura 5 - Imagens da leitura e exploração do livro “O Monstro das Festinhas” com o recurso a fantoches em E.V.A



Figura 6 - Imagens da realização do jogo da caixa dos afetos



Reflexão acerca dos resultados

Neste momento é importante refletir sobre a nossa intervenção considerando a análise do trabalho realizado nos diferentes momentos, apontando os aspetos bem conseguidos e o menos, e olhando, criticamente, a nossa postura de docente, contando para este aspeto as nossas reflexões. A primeira apreciação a considerar, e que foi mais uma vez das preocupações demonstradas no plano de atividade, foi a utilização do método de trabalho de grupo que trouxe, inicialmente, alguma agitação.

À medida que as personagens do livro iam surgindo em forma de fantoches, as crianças mostravam-se mais calmas e atentas, contribuindo para um trabalho mais cooperativo. Para iniciarmos esta intervenção do projeto, dividimos o grupo em dois grupos de 9 crianças e enquanto um grupo brincava livremente na sala, nós acompanhávamos o outro a uma sala mais reservada e com menos estímulos para que as crianças pudessem estar atentas à história e à atividade proposta. Após trabalhar com um grupo, repetimos o mesmo com o outro.

Começámos por explorar a história do livro “O Monstro das festinhas” através da leitura e representação da história com os nossos fantoches construídos em E.V.A. que despertaram a curiosidade das crianças. Algumas levantaram-se para explorar os fantoches, outras ficam admiradas ao ver surgir novas personagens de dentro da caixa das histórias. Ao longo da leitura, algumas crianças dispersaram por alguns segundos, mas rapidamente conseguimos chamar-lhes a atenção, alterando o tom de voz e apresentando nova personagem do livro. Neste ponto, considerámos que a história projetada na parede ajudou muito a chamar à atenção das crianças, bem como os personagens construídos com o material E.V.A. pela estagiária.

Depois da exploração da história, introduzimos uma pequena caixa, denominada a caixa dos afetos, que continha vários cartões com demonstrações de afetos (dar um abraço, dar beijinho, dar um beijinho no nariz, dar um beijinho na cara, dar um beijinho na mão, dar uma festinha...) e iniciámos o

jogo da caixa dos afetos que consistiu em retirar um cartão da caixa e reproduzir com um amigo o afeto que lhe saísse. As crianças adoraram a atividade, pois no geral são crianças muito carinhosas e adoram abraços e beijinhos. Para além de darem abraços e beijinhos aos amigos, aprenderam a dar um beijinho à esquimó (presente num dos cartões da caixa dos afetos) que consiste em fazer festinhas com o seu nariz, no nariz do seu amigo. Gostaram tanto desta nova forma de dar miminhos que demos com a M a dar beijinhos à esquimó à sua amiga C na hora de preparação para o almoço. Antes da hora de dormir, existe um tempo de espera por partes das crianças onde as auxiliares lavam as mãos e mudam as fraldas de quem precisa, para depois irem dormir. Aproveitei estes momentos para contar novamente a história do livro “O Monstro das festinhas” utilizando os fantoches e a certa altura, as crianças já me pediam para contar e inclusive identificavam os fantoches pelos nomes das personagens da história o que demonstra que gostaram e aprenderam com ela. Apontavam para os fantoches, gritavam festinhas e até faziam os movimentos dos abraços para que eu percebesse que queriam ouvir a história. Adoravam abraçar o monstrinho e os restantes personagens do livro. Esta atividade revelou-se bastante motivante para as crianças, pois adoram abraços e festinhas.

Quinta Intervenção 22 de Junho de 2021

Contextualização / Descrição da atividade

Nesta quinta intervenção começámos por explorar a música “Bater as palmas” de Ricardo Reis Pinto, onde as crianças identificaram partes do seu corpo e aprenderam a música juntamente com a coreografia. Após identificação das partes do nosso corpo, através da música, partimos para a consolidação de conhecimentos através da montagem de um puzzle de uma menina e de um menino que nos permitiram discutir sobre as diferenças entre ambos.

Figura 7 - Imagens da montagem de um puzzle de uma menina e um de menino



Reflexão acerca dos resultados

Para dar início a esta intervenção, explorámos a música “Bater as palmas” de Ricardo Reis Pinto à qual as crianças reagiram da melhor maneira, pois adoram músicas com palmas. Facilmente aprenderam a coreografia. Fomos repetindo a música ao longo da semana e mesmo antes de chegar à parte das palmas, as crianças já estavam preparadas para as bater, o que demonstra que aprenderam a música e a coreografia. Após identificação das partes do nosso corpo, através da música, partimos para a consolidação de conhecimentos através da montagem de um puzzle de uma menina e um de menino e discussão sobre as diferenças entre ambos com grupos de dois a dois. Os bonecos feitos em cartão chamaram a atenção das crianças que quiseram rapidamente participar. Ao longo da atividade, facilmente se percebeu que as crianças identificam os diferentes membros do nosso corpo, embora muitas não conseguissem localizá-las no puzzle. No geral, todas sabiam que a boca, os olhos e as orelhas eram na cabeça, embora alguns colocassem a boca na testa, o nariz no queixo, etc. Uma questão que as crianças tiveram mais dificuldade, foi na identificação e distinção das roupas do menino e da menina, embora os mais velhos facilmente associassem a saia à menina e não ao menino. Um erro que cometi, foi na construção das camisolas, pois para ao decorar coloquei uma ovelha na camisola da menina e um lobo na camisola do menino que acabou por chamar mais a atenção das crianças do que propriamente a colocação da camisola no puzzle. Após terminar a montagem destes puzzles com todos os grupos, colocámo-los expostos na nossa Newsletter. No entanto, as crianças gostaram da atividade e tentavam várias vezes puxar pelos puzzles com o intuito de brincar com eles, demonstrando interesse no jogo. Tivemos de os colocar mais alto para que pudessem ser utilizados apenas com a supervisão de um adulto, tendo em conta a sua constituição em cartão. Mais tarde, em momentos de brincadeira livre, as crianças demonstraram várias vezes interesse em montar os puzzles e por isso voltámos a realizá-los com elas. Ao longo dos dias,

percebemos que as crianças iam começando a localizar cada vez melhor cada parte do puzzle, mostrando uma evolução no conhecimento.

Sexta Intervenção 23 de Junho de 2021

Contextualização / Descrição da atividade

Para abordar as emoções e de forma a dar continuidade ao nosso tema, escolhemos a obra literária “O Monstro das Cores” de Anna Llenas para a nossa sexta e última intervenção. Após a leitura do livro, jogámos ao faz-de-conta onde as crianças puderam expressar as emoções que tinham acabado de aprender. De seguida, facultámos às crianças, diferentes balões, cheios com diferentes materiais (massa, arroz, farinha...) e deixámos que explorassem livremente as diferentes sensações, identificando-as posteriormente no termómetro das emoções. Para finalizar o nosso projeto, ainda na sexta intervenção, realizámos a exploração de bolas de gel coloridas e associámos as cores das mesmas às diferentes emoções, colocando as bolas nos respetivos recipientes. De forma a dar continuidade ao que foi feito na escola, enviámos para os pais um pequeno livro informativo para facilitar na hora de abordar estes assuntos com os filhos.

Figura 8 - Capa do Livro “O Monstro das Cores”



Figura 9 - Imagens da exploração livre de diferentes sensações



Figura 10 - Imagens da exploração de bolas de gel coloridas



Figura 11 - Imagens da Newsletter do projeto



Reflexão acerca dos resultados

Também com o grupo dividido em dois, mas desta vez na sala das áreas, procedemos à leitura do livro “O Monstro das cores” . Desta vez não optámos pela projeção da história na parede e percebemos rapidamente que desta forma as crianças dispersavam mais. Outra questão que não ajudou na concentração das crianças foi o facto de termos de realizar a atividade na sala das áreas, pois a sala onde realizámos as outras intervenções estava ocupada. Desta forma, os mais pequenos dispersaram mais, o que causou alguma agitação das crianças no geral.

Após a leitura, promovemos um diálogo sobre as emoções e jogamos ao jogo do faz de conta que consistiu em fazer de conta que estamos zangados, fazer de conta que estamos alegres, fazer de conta que estamos tristes... e desta forma, facilmente percebemos que as crianças mais velhas do grupo identificavam facilmente expressões de diferentes emoções e as representavam na perfeição. Os mais novos não conseguiram jogar, pois encontravam na sala outros estímulos que lhes chamava a atenção.

Seguidamente, facultámos às crianças diferentes balões cheios com diferentes materiais (massa, arroz, farinha...). Após algum tempo de exploração, observámos que alguns tinham preferência pelos mais macios, outros pelos mais duros e fomos questionando sobre o que estavam a sentir ao amassar aqueles balões. Algumas crianças identificaram algumas sensações como “Frio” , ” Fofinho” , “Bom” . Com esta atividade conseguimos despertar a curiosidade das crianças para explorar os balões. Com a nossa ajuda, fomos identificando no termómetro das emoções, aquilo que cada um estava a sentir. Ao realizar esta atividade, rapidamente me apercebi que a mesma se adequa a crianças mais velhas, pois apenas os mais velhos conseguiram identificar emoções.

Para finalizar o nosso projeto, realizámos uma exploração de bolas de gel coloridas, colocadas em recipientes identificados com os monstros de cada emoção, onde foi pedido às crianças que separassem por cores e associassem as cores das mesmas às diferentes emoções. Ao longo da atividade, foi perceptível que as crianças adoraram explorar as bolas de gel, no entanto apenas os mais velhos conseguiam separar por cores. De forma a dar continuidade ao que foi feito na escola, enviámos para os pais um pequeno livro informativo para facilitar na hora de abordar estes assuntos com os filhos (Apêndice 2).

Avaliação

Após a descrição das interações mais significativas é agora necessário analisar o que foi aqui apresentado. A educação para a sexualidade ainda é muitas vezes encarada pelas instituições

educativas e pelas famílias, como podendo trazer diversas dificuldades, problemas e desafios. No contexto onde trabalhamos, encontrei ainda um entrave à abordagem deste tema, pois a biblioteca Municipal assumiu não ter meios para a abordagem do mesmo. Assim, considero que a implementação deste projeto constituiu uma nova experiência para as crianças.

Ao longo da realização do projeto pude verificar que, através de conversas informais, diálogos, brincadeiras e pelo feedback das famílias, as crianças foram-se apropriando dos conceitos envolvidos.

O projeto “*Os afetos, as emoções e a educação para a sexualidade em creche*” decorreu de acordo com as expectativas. Contudo, estou consciente que poderia ter corrido melhor, caso tivesse mais tempo para abordar a temática e não tivessem existido tantas interrupções durante o período de estágio.

Este tempo permitiria que as atividades fossem realizadas com mais calma e teria tido tempo para a realização de outras atividades que pudessem surgir.

Posto isto, considero que um dos objetivos principais foi alcançado, na medida em que o grupo mostrou em muitos momentos satisfação com que o efetuou.

Através de diálogos informais, verifiquei que tanto as crianças como a restante comunidade apreciaram bastante o projeto considerando-o útil para o seu desenvolvimento e crescimento.

Remetendo para os objetivos específicos, considero que foram todos trabalhados e desenvolvidos. Cada um esteve presente em momentos e fases diferentes do processo de intervenção, mas, no seu conjunto foram cruciais para os resultados alcançados.

Descrição das atividades desenvolvidas no projeto de intervenção no contexto de pré-escolar.

Contextualização geral

Este projeto foi implementado numa sala de pré-escolar, tendo como tema “A educação para a sexualidade em contexto pré-escolar” .

A temática que se pretendeu trabalhar é uma das temáticas da educação para a cidadania assumida pelo Ministério de Educação. Muitos pais e educadores consideram-se pouco ou mal preparados para responder às necessidades das crianças nesta matéria, sentindo-se muitas vezes perturbados. As atividades propostas visam dar resposta a estas necessidades através de um diálogo simples, desenhos e jogos, proporcionando à criança situações em que ela possa exprimir a sua própria componente sexual.

Para dar início à temática, tivemos em conta o hábito de leitura que a instituição apresenta e escolhemos o livro “Será que a Joanhinha tem uma pilinha?” de Thierry Lenain.

Antes da leitura do livro iniciámos a intervenção com a apresentação do João e da Maria (dois bonecos sexuados) e com a promoção de um diálogo acerca dos mesmos, colocando algumas perguntas importantes para o desenvolvimento do projeto.

De forma a ajudar a encontrar algumas respostas iniciámos a leitura e exploração do livro “Será que a Joanhinha tem uma pilinha?” de Thierry Lenain” .

Após a leitura, promovemos o diálogo acerca da história, onde realizámos um reconto em grupo e foram colocadas novamente as questões que surgirem na exploração dos bonecos sexuados: “Quem será a Maria e quem será o João?” ; “Como vamos tentar perceber qual dos bonecos tem pilinha e qual tem pipi?” ;

No final desta primeira intervenção solicitámos a participação dos pais, enviando-lhes um pequeno questionário para preencher com o seu filho.

Na segunda intervenção promovemos um diálogo de forma a perceber as aprendizagens adquiridas com a realização da primeira intervenção. Seguimos com a colocação de espelhos em cima das mesas, pedindo às crianças que se desenhassem, olhando para o espelho. Para terminar a segunda intervenção, dividimos o grupo por género e foram distribuídas revistas para que cada grupo recortasse das revistas aquilo que caracteriza o sexo oposto para posteriormente construir um cartaz sobre o sexo oposto. Para concluir, as crianças justificaram as suas escolhas em grupo e decidiram quais os recortes que iriam para as cartolinas que representariam o sexo oposto.

Na terceira intervenção foram distribuídas duas bolas pequenas a cada criança. Sentadas em círculo e ao ritmo da música tocaram com as bolas nas diferentes partes do seu corpo identificando-as. Após esta atividade inicial, promovemos um novo diálogo para relembrar o que falamos na intervenção anterior e seguimos para a partilha de conhecimento que cada um adquiriu ao preencher o questionário que foi enviado para os pais. Para dar início à abordagem da unidade de medida, contamos a história “De que tamanho é o pé do Rei?” retirada do slideshare.net e prosseguimos com a apresentação das ferramentas de medição com as quais vão trabalhar. Nomeadamente a régua e a fita métrica.

Na quarta intervenção retomamos o assunto da intervenção anterior onde após familiarizarem-se com os instrumentos de medição foram utilizá-los para construir o gráfico das alturas à nascença e o gráfico das alturas atuais. Assim, com base na informação que trouxeram de casa fomos perceber

quem nasceu mais alto e quem nasceu mais baixo e se a criança que nasceu mais pequena é efetivamente a criança mais pequena atualmente.

Para a quinta e sexta intervenção, escolhemos a obra literária “A Viagem de Peludim” de Sara Rodi e Vânia Beliz.

Optámos por dividir a leitura e exploração da história em dois momentos, um em cada dia. O primeiro momento foi do início do livro até à página 63, onde Peludim se apresenta e parte numa aventura pelo planeta terra sem saber se um dia terá uma antena na cabeça como o pai ou duas como a mãe, pois no seu planeta isso não se descobre à nascença. Na terra, com os gémeos Clara e Salvador, procura perceber como se nasce, como se cresce e como se distinguem as meninas dos meninos. Até à página 63, Peludim compreende a diferença entre menino e menina. O segundo momento, vai da página 64, onde Peludim demonstra perceber a diferença entre menino e menina e explora as funções dos órgãos genitais, as células masculinas e as células femininas e finalmente a formação de um bebé.

Em ambos os momentos projetamos a história na parede e pedimos às crianças que interpretassem as imagens que iam surgindo.

Com a leitura deste primeiro momento do livro, explorámos com as crianças, a importância do irmão mais velho, as questões de identidade e a igualdade de género, a importância do banho nas rotinas diárias, os diferentes papéis reservados ao pai/e ou à mãe, a identificação dos órgãos genitais e sua designação correta. Aproveitámos a história deste livro para reforçar também a importância do banho nas rotinas diárias e comportamentos que ajudam a prevenir a violência sexual. Assim, com a leitura do texto explicámos a importância de se tornarem independentes na hora do banho e de se despirem apenas se se sentirem à vontade, não o devendo fazer com pessoas que não sejam da sua confiança.

Com a identificação dos órgãos genitais e sua designação correta aproveitámos para explicar que estas são partes íntimas porque são apenas delas e é por isso que estão guardadas dentro da roupa, sensibilizando para a importância das partes íntimas, como fator de proteção e prevenção da violência sexual. Assim, para além da identificação dos mesmos com os nomes corretos aproveitamos para abordar um pouco sobre a prevenção da violência sexual. Frisamos que os nossos órgãos genitais são partes muito importantes do nosso corpo e que apenas as pessoas da nossa confiança podem ajudar a lavar, limpar e proteger. Para além destas pessoas de confiança, como a mãe, o pai, a educadora, a auxiliar somente o médico ou a enfermeira poderá precisar de observar e cuidar, mas não devem ser tocadas ou mostradas a outras pessoas.

Com a leitura do segundo momento do livro explorámos com as crianças, o conceito de célula (células femininas e células masculinas) e suas funções, como se fazem os bebés, o nascimento e diferentes tipos de parto. Para melhor compreensão sobre o conceito de célula projetamos um vídeo retirado do Youtube designado por “célula - a menor parte de qualquer organismo” , promovendo um diálogo de interpretação do mesmo.

Antes de finalizar esta intervenção, promovemos um diálogo sobre o que abordamos na história e para finalizar, cada criança levou o desenho do Peludim para casa de forma a partilhar com os pais aquilo que aprenderam e juntos decidirem se é um ele ou uma ela partilhando posteriormente nas redes sociais que utilizavam para comunicar com a educadora.

A sétima intervenção começa com a visualização da história “como é que ele foi parar aí dentro?” de Vanessa Prezoto e Ilan Brenman. Seguidamente promovemos um pequeno diálogo onde relembámos o que já tínhamos aprendido e relacionámos com o vídeo que tínhamos acabado de assistir.

De modo a perceber aquilo que as crianças já sabiam, pedimos que realizassem um grafismo de como pensam que os bebés estão dentro da barriga da mãe.

Na oitava intervenção visualizamos um pequeno vídeo sobre o desenvolvimento do bebé dentro da barriga da mãe até ao nascimento. Posteriormente promovemos um diálogo acerca do que acabaram de assistir e pedimos às crianças que repetissem novamente o grafismo da mãe grávida ilustrando aquilo que aprenderam.

Na nona intervenção realizámos um pequeno diálogo acerca do que aprendemos, onde aproveitámos para colocar algumas questões de forma a perceber o que efetivamente aprenderam. Prosseguimos com a visualização e a explicação do que é um friso cronológico. Em grande grupo promovemos a construção de um friso cronológico onde as crianças foram dando opinião sobre qual é a primeira e a última imagem do friso. De forma a consolidar conhecimentos, cada criança realizou o seu próprio friso cronológico da gestação do bebé.

Na décima intervenção, começámos por realizar o Jogo da bola saltitona, que consiste em cada criança escolher um amigo para atirar a bola, mas antes de atirar a bola tem de dizer as características da criança que escolheu. Prosseguimos com a realização da atividade “Eu sou assim” em que as crianças a pares ou em grupos de 3 desenham e pintaram cada elemento do grupo em tamanho real. Para terminar a intervenção promovemos uma discussão em grande grupo para decidirmos o que fazer com os desenhos e trabalhos que realizamos, do qual resultou a exposição dos trabalhos e a realização do livro da Sala (Apêndice 3).

Para finalizar o nosso projeto, numa décima primeira intervenção, realizámos uma exposição/divulgação dos trabalhos realizados pelas crianças ao longo do desenvolvimento do projeto. De forma a dar continuidade ao que foi feito na escola, enviámos para os pais um pequeno livro informativo para facilitar na hora de abordar estes assuntos com os filhos (Apêndice2).

Resultado e reflexão das intervenções

Primeira Intervenção 2 de Maio 2022

Contextualização / Descrição da atividade

Iniciamos o projeto com a apresentação do João e da Maria (dois bonecos sexuados) e com a promoção de um diálogo acerca dos mesmos, colocando algumas perguntas importantes para perceber o que as crianças já sabem. Prosseguimos com a leitura e exploração do livro “Será que a Joanelinha tem uma pilinha” de Thierry Lenain.

Ao longo da leitura do livro abordamos de forma clara, respeitando a linguagem das crianças as diferenças entre menina e menino. Para finalizar a primeira intervenção promovemos um diálogo sobre o tema e enviamos um pequeno questionário para os pais a ser utilizado na sala numa intervenção posterior.

Figura 12 - Imagens da apresentação dos bonecos sexuados, a Maria e o João



Figura 13 -Capa do livro “Será que a Joaquina tem uma pilinha” de Thierry Lenain



Reflexão acerca dos resultados

Iniciamos a intervenção com a apresentação do João e da Maria (dois bonecos sexuados) e com a promoção de um diálogo acerca dos mesmos, colocando algumas perguntas chave para o desenvolvimento do projeto. Após o primeiro contacto visual com os bonecos, as crianças fizeram alguns comentários como:

R: “Que giros”

L: “São parecidos, mas um tem o cabelo mais escuro”

A: “como se chamam?”

Após responder à pergunta “Como se chamam?” , levantei as questões:

Estagiária: “Qual será a Maria? E qual será o João?”

Todos quiseram responder muito rapidamente e ouvem-se os seguintes comentários:

A: “Aquele é a Maria porque tem saia”

R: “O João é o outro porque tem calças”

L: “Eu acho que a Maria é aquela porque tem o cabelo mais comprido”

Estagiária: “Porque acham que este é o João e esta é a Maria?”

M.M: “A Maria tem saia, e o João tem calças”

Estagiária: “Então o que vocês me estão a dizer é que as meninas usam saia e os meninos usam calças? É isso?”

Todos: “Simmmm!”

A: “Não não, eu já vi uma vez um homem de saia na rua” .

Estagiária: “E as meninas não usam calças?”

Todos: “Siiiiiiiiim, usam!”

Estas afirmações geraram um diálogo sobre os gostos pessoais onde as próprias crianças deram exemplos de homens da sua família que usam cabelo comprido e mulheres que usam cabelo curto, algumas afirmam já terem visto homens de saia e facilmente percebem que a diferença entre géneros não está na forma como se vestem ou se usam cabelo comprido ou curto. Surge novamente a dúvida “Então como podemos saber quem é a Maria e quem é o João?” Alguns arriscam apontar para os bonecos ao calhas sem conseguir justificar a escolha, mas são nesta altura poucas as respostas. De forma a ajudar a encontrar a resposta demos início à leitura e exploração do livro “Será que a Joanhinha tem uma pilinha” de Thierry Lenain. Ao longo da leitura fomos discutindo acerca do texto que foi ao encontro do diálogo inicial.

No fim da leitura, realizamos o reconto oral e promovemos uma discussão sobre o assunto.

Estagiária: “Então o que fazia a joanhinha de diferente das outras meninas?”

G: “subia às árvores”

AG: “Jogava à bola”

L: “E desenhava mamutes”

GU: “E lutava”

Estagiária: “Então e isso é estranho? Porquê? As meninas não podem desenhar mamutes? Ou jogar à bola?”

L: “Sim, a D gosta de jogar à bola com os rapazes”

S: “E o G gosta de calçar saltos altos quando brinca na casinha”

Estagiária: “Então a D é um menino? E o G é uma menina?”

Todos: “Nãaaaaaaaoo”

Estagiária: “Então? Não estou a perceber”

S: “O G é um menino mas gosta de calçar sapatos de mulher. Ele fica feliz por isso pode”

L: “Sim, e a D é uma menina mas gosta de jogar à bola. As meninas também jogam à bola se quiserem”

Estagiária: “Muito bem. Desde que se sintam bem, cada um pode vestir ou brincar com aquilo que quiser. Somos todos livres para fazer aquilo que gostamos. E é muito importante fazermos o que gostamos para nos sentirmos bem” .

Após discussão sobre várias questões presentes no livro, surge novamente a questão “Quem será a Maria e quem será o João?” , a maioria afirma que o João tem pilinha e a Maria tem pipi. À pergunta como vamos tentar perceber qual dos bonecos tem pilinha e qual tem pipi a resposta surge de duas crianças que dizem “vamos tirar a roupa” . Surge então outra questão, lançada por uma criança:

P: “Será que os bonecos têm pipi ou pilinha?”

J: “Os meus bonecos não têm nada”

Algumas crianças respondem que acham que não:

M: “Os bonecos não têm essas coisas”

Outras respondem que sim:

A: “Eu acho que sim, podem ter. Eu nunca vi, mas acho que podem ter”

G: “Eu tinha um boneco que tinha pilinha.” .

Ao retirar a roupa dos bonecos as crianças mostram alguma surpresa e ao mesmo tempo curiosidade em tocar.

Com as respostas das crianças, facilmente se compreende que aprenderam com a exploração do livro e consolidaram o conhecimento adquirido com a exploração dos bonecos sexuais, percebendo facilmente a diferença entre menina e menino.

Segunda Intervenção 3 de Maio de 2022

Contextualização / Descrição da atividade

A intervenção que se segue, enquadra-se ainda num primeiro momento da intervenção do projeto que se centra na compreensão e promoção do conhecimento da criança, relativamente ao seu corpo.

Esta segunda intervenção, consistiu na ilustração de si próprio. As crianças olharam-se ao espelho e tentaram desenhar-se. Posteriormente, jogamos ao jogo “Guerra dos Sexos” que consistiu em dividir as crianças por género e em grupo recortaram e colaram em cartolinas aquilo que representa para elas o sexo oposto.

Para terminar esta intervenção e de forma a consolidar conhecimentos, aproveitamos o momento de brincadeira livre no parque para proporcionar momentos de exploração dos bonecos

sexuados “ a Maria e o João ” e iniciamos de seguida o jogo dos bonecos questionando as crianças sobre as diferentes partes do corpo dos bonecos relacionando-os com o seu próprio corpo.

Figura 14 - Imagens da exploração livre dos bonecos sexuados, a Maria e o João



Figura 15 -Imagens da realização do grafismo do “eu” com recurso do espelho



Figura 16 - Imagens da realização do jogo “A guerra dos sexos”



Figura 17 - Cartazes resultantes do jogo “A guerra dos sexos”



Reflexão acerca dos resultados

O segundo dia de intervenção começou com uma chuva de ideias acerca do que falamos na intervenção anterior e como estavam na sala crianças que não estiveram na sessão anterior o grupo fez o reconto oral da história “Será que a joaninha tem pilinha” de Thierry Lenain”, apresentando por fim o João e a Maria (bonecos sexuados). A maioria das crianças foi explicando bem os diferentes momentos da história, demonstrando terem estado atentas e aprendido a história à exceção de um ou outro mais distraído. A apresentação da Maria e do João aos colegas foi muito disputada pelas crianças, pois todas queriam fazê-lo. Este incidente revelou o grande interesse e envolvimento das crianças nas atividades.

Num segundo momento, cada criança desenhou-se a si própria (olhando para o espelho que disponibilizei por mesa) e fui questionando cada uma delas sobre as suas características e gostos relembrando o diálogo do dia anterior e chamando a atenção para características muito próprias de cada um. Ao olharmos para os desenhos realizados conseguimos ver algumas características muito próprias de cada criança representada no seu desenho que até ali não era visível.

As figuras que se seguem são um exemplo disso:

Figura 18 - Grafismo realizado antes da implementação



Figura 19 - Grafismo após intervenção com recurso ao espelho



Na Fig. 19 onde a criança se desenhava olhando ao espelho, percebe-se que conseguiu observar alguns pormenores no seu rosto que antes não os representava. Nesta figura a criança já desenha os óculos, o formato dos lábios, o nariz já pertence à composição do rosto e os próprios olhos já assume aqui alguma forma ao contrário do que anteriormente representou (Fig.18).

Após todos terminarem de se desenharem realizamos o jogo “Guerra dos sexos” que consistiu em dividir a turma por géneros e cada género recortar das revistas objetos que representam o sexo oposto, construindo um poster do sexo oposto. As crianças demonstraram muito interesse na atividade embora o facto de estarem os rapazes todos juntos e raparigas todas juntas não tenha facilitado a tarefa. O grupo está habituado a trabalhar com os seus grupos definidos e a própria distribuição dos lugares nas mesas está organizada de forma a não ter duas raparigas ou dois rapazes juntos. Ao organizar por género o grupo tornou-se um pouco mais barulhento e o grupo dos rapazes não conseguiu ter um resultado tão bom como o das raparigas, apresentando poucas imagens. No entanto, esta divisão em dois grupos de trabalho permitiu a partilha de conhecimentos entre as crianças dado que cada grupo ia comunicando ao outro as aprendizagens que ia fazendo.

Depois de cada um individualmente recortar as suas imagens das revistas, promoveu-se a discussão sobre as opções tomadas e abordamos questões de género como a distribuição de tarefas em casa. Com este diálogo, facilmente percebemos que ainda existem estereótipos de género em algumas famílias. Um rapaz recortou a imagem de umas panelas, justificando que quem cozinha é mãe ou a avó e por isso as panelas são coisas de mulheres. Outro recortou o aspirador afirmando que as mulheres é que limpam a casa embora ao ser confrontado com a pergunta “Tu não ajudas a mãe a limpar a casa?” ele tenha respondido que sim e que não é mulher por causa disso. Nas meninas não se verificou tanto estas questões, embora tenha surgido uma ou outra dúvida na escolha dos objetos a recortar. Com esta atividade as crianças puderam usufruir de momentos de descontração pedagógica, despertando a importância da organização em trabalhos de equipa.

Aproveitando um momento de atividades livres no exterior, colocamos os bonecos “ o João e a Maria” à disposição das crianças para que pudessem explorar os amiguinhos de forma livre. Rapidamente as crianças vieram pedir para brincar com eles e o interesse manifestou-se tanto nas raparigas como nos rapazes. Uns começaram logo a querer tirar-lhes a roupa para experimentar a outra. Exploram todas as partes do corpo curiosos e por isso iniciei o diálogo com as crianças sobre as roupas da menina e do menino, sobre as cores da roupa que utilizam, sobre a expressão do rosto dos bonecos, sobre o cabelo e sobre as diferentes partes do corpo. Ao questionar sobre que roupa pertence a quem, facilmente as crianças associaram os vestidos à menina e os calções ao menino. A expressão do rosto, embora com mais dificuldade também foi associada à alegria e à tristeza, pois o João parece estar triste e a Maria parece estar feliz. As crianças parecem curiosas com o pénis do João. Tocavam, observavam e ao serem questionadas sobre o que se trata, facilmente responderam pipi ou pilinha.

Iniciamos o jogo dos bonecos questionando as crianças sobre as diferentes partes do corpo dos bonecos relacionando-os com o seu próprio corpo. Relativamente às partes íntimas, as crianças não as identificam pelos nomes científicos apenas conhecem por pilinha, pila e pipi. Com esta atividade as crianças puderam usufruir mais uma vez de momentos de descontração pedagógica.

Com esta intervenção concluímos que as atividades foram relevantes depois tornaram possível avaliar o desempenho de cada criança em diferentes momentos permitindo a perceção o desenvolvimento de cada uma.

De modo a estimular a participação ativa das famílias no processo de ensino/aprendizagem das crianças entregamos aos pais um pequeno questionário sobre o nascimento do seu filho. Pedimos que, em conjunto com o/a seu/sua filho/a preenchessem e conversassem sobre as questões, promovendo um diálogo entre pais e filhos acerca desse momento e posteriormente partilhar com a sala.

Terceira e quarta Intervenção de 6 e 9 de Maio de 2022

Contextualização / Descrição da atividade

Na terceira intervenção, o nosso foco mantém-se na compreensão e promoção do conhecimento da criança, relativamente a si e ao seu corpo.

Nesta intervenção distribuímos duas bolas por criança e exploramos a música “Sternpolka” (Doudlebska Polka), onde as crianças identificam partes do seu corpo e aprendem a coreografia.

Prosseguimos com a partilha de conhecimento que as crianças adquiriram em casa ao preencher com os pais o questionário enviado acerca do seu nascimento e demos a conhecer o conceito de unidade de medida através da história “De que tamanho é o Pé do Rei?” retirada do seguinte site slideshare.net.

Na quarta intervenção, demos seguimento ao que iniciamos na sessão anterior e com a ajuda da fita métrica, construímos em papel Kraft um gráfico de barras com a altura real com que cada criança nasceu e outro gráfico de barras com altura real que cada criança apresenta atualmente. Ao longo da elaboração destes gráficos as crianças foram incentivadas a formular previsões quanto à criança mais alta e à criança mais baixa e ao mesmo tempo refletir sobre o seu desenvolvimento.

Figura 20 - Imagens da familiarização e utilização das ferramentas de medição.

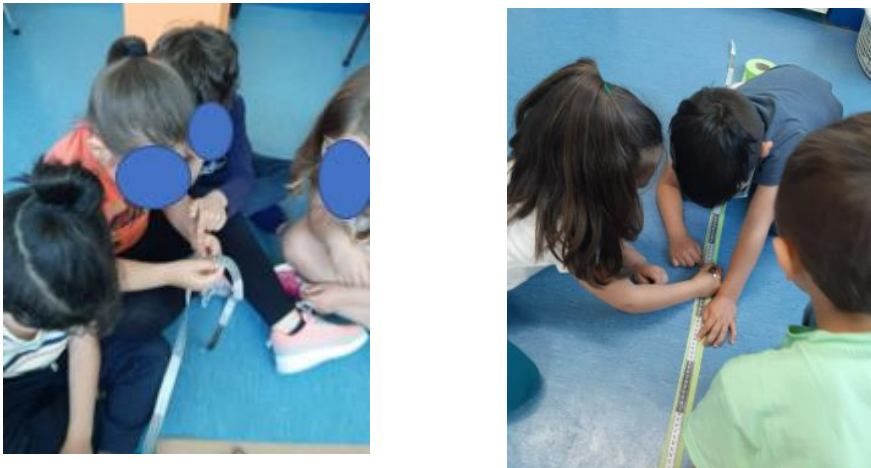


Figura 21 - Imagens da construção e análise dos gráficos de altura



Figura 22 -Gráficos de barras da altura à nascença e da altura atual das crianças



Reflexão acerca dos resultados

Para iniciar a terceira intervenção, selecionamos uma música do Youtube (https://m.youtube.com/watch?v=KDYnGF3Q_NQ&feature=youtu.be) para trabalhar as diferentes partes do nosso corpo de forma lúdica. Foram distribuídas duas bolas pequenas por cada criança e explicamos a atividade. Ao ritmo da música as crianças batem com as bolas nas diferentes partes do corpo identificando-as em voz alta. Começamos por bater palmas com as bolas nas mãos, depois nos pés, nas pernas, na barriga, nos braços e finalmente na cabeça. As crianças adoraram a atividade e no geral participaram ativamente na imitação dos meus movimentos. Algumas distraíam-se com as bolas, mas rapidamente tentavam acompanhar. Esta atividade cativou a participação das crianças e conseguimos que todas participassem e quisessem repetir.

Seguimos com um diálogo acerca do que aprendemos nas intervenções anteriores. Aqui, as crianças demonstraram estar mais atentas ao que os rodeia pois partilharam com o grupo situações que vivenciaram, tais como “Eu fui ao supermercado com a minha mãe e o senhor do pão tinha o cabelo comprido” ; “O avô da Leonor tem o cabelo comprido e a mãe da Alice tem o cabelo curto” .

Aproveitando este diálogo iniciámos a partilha de conhecimentos adquiridos em casa com o preenchimento dos questionários com os pais. Alguns não preencheram nem sabiam nada sobre o questionário e outros partilharam entusiasmados, momentos pessoais como quando e, onde ocorreu o seu nascimento, qual o seu aspecto físico poucas horas depois de nascer, com que idade começaram a falar e andar, entre outras. A M.M. diz” A minha mãe contou-me que esteve muitas horas à espera que eu nascesse e que eu não queria nascer... Estava bem no quentinho.” A D diz “Eu nasci pelo pipi da minha mãe!” Esta afirmação causou alguma surpresa e até algumas gargalhadas na sala, mas

ao mesmo tempo permitiu abordarmos um pouco sobre o nascimento de um bebê. As crianças demonstraram muito interesse neste assunto do nascimento, o que nos levou a pensar sobre as direções das futuras intervenções.

Após a partilha de todas as questões em grupo, passámos à exploração da primeira questão “data de nascimento, hora, peso e tamanho” . Introduzindo de forma simples e didática o conceito de unidade de medida, exploramos a história intitulada de “De que tamanho é o pé do rei?” Tradução e ilustrações de Carlos Pereira dos Santos, Adaptação de Cindy Quaresma e Marylène Lages, (De que-tamanho-é-o-pé-do-rei- (slideshare.net)). Seguidamente, com a ajuda da fita métrica, fomos construindo em papel Kraft um gráfico de barras com a altura real com que cada criança nasceu e outro gráfico de barras com altura real que cada criança apresenta atualmente. Colocamos a fita métrica na parede e as crianças foram registando as alturas dos amigos para recortar a fita com a mesma medida. O interesse em participar nesta atividade foi geral. Todos queriam medir-se, medir os colegas, medir as fitas para construir o gráfico... etc. Ao longo da elaboração destes gráficos as crianças foram formulando previsões quanto à criança mais alta e à criança mais baixa. Perante os gráficos de barras terminados criámos um pequeno debate de interpretação do mesmo, onde as crianças puderam constatar que cada criança tem o seu próprio ritmo de crescimento e este não é regular ao longo do tempo pois o aluno mais alto da sala não foi o bebê que nasceu mais alto, assim como o aluno mais baixo da sala não foi o bebê que nasceu mais baixo. Ao longo do diálogo, é notório que a percepção das crianças sobre a criança mais alta e a criança mais baixa da sala não foi totalmente correta. Com a elaboração destes gráficos as crianças familiarizaram-se com os instrumentos de medida utilizados (fita métrica e régua) e puderam perceber e cada criança tem o seu ritmo de crescimento e que este não é regular ao longo do tempo ou seja que em determinada idade a criança A pode ser mais alta do que a criança B, mas isso não significa necessariamente que o adulto A venha a ser mais alto que o adulto B. Para reforçar esta ideia e para que as crianças percebessem que o seu corpo se modifica à medida que crescem, começamos por mostrar fotos da estagiária quando era criança questionando sobre o que aconteceu com os anos e quais as alterações que verificavam entre as fotos de criança e a imagem real que podiam observar à sua frente.

Facilmente as crianças identificaram as diferenças entre a foto e a imagem atual e até partilharam que mãe guarda a roupa de quando eram pequenos que já não lhes servem, justificando que cresceram e a roupa deixou de lhes servir. A. acrescentou ainda “quando eu crescer e for adulta esta roupa já não me vai servir... vou vestir roupa do tamanho da minha mãe” ao que o A. acrescenta “Ou maior... porque a minha prima já é maior que a mãe e por isso a roupa dela é maior

” . A estagiária lança a questão “e quando é que vocês crescem?” ao que a resposta imediata foi “quando fazemos anos” . para que as crianças compreendam que estão a crescer em qualquer momento, apesar de não terem percepção direta desse crescimento promovemos uma discussão para perceber as ideias das crianças a esse propósito estabelecemos uma analogia entre o crescimento e o enchimento de um frasco de água gota a gota.

Ao longo da discussão percebemos que algumas crianças tinham uma ideia de que só cresciam quando faziam anos, outras referiram que crescem quando comem, no entanto, com o desenrolar do diálogo foram percebendo que estão a crescer em qualquer momento apesar de não terem percepção direta disso. Para esclarecer estas dúvidas, chamamos a atenção das crianças para um frasco vazio que colocamos por baixo de uma torneira a pingar gota a gota, questionando se o nível da água de um frasco é sempre o mesmo. Crianças responderam logo que o frasco não enche logo e que ia demorar algum tempo. Assim comparamos o enchimento do frasco com o nosso crescimento e facilmente as crianças compreenderam que crescem sem darem conta assim como o nível de água no frasco.

Estas atividades foram importantes na medida em que permitiram às crianças refletir sobre si mesmas e sobre os outros, compreender que estão a crescer, em qualquer momento, apesar de não terem a percepção direta do crescimento nesse momento. Para além disso, permitiram perceber se as crianças adquiriram alguma informação desta intervenção realizada ou não fornecendo um ponto de partida para enfrentar discussões problemas e desenvolver as próximas atividades do projeto.

Quinta e Sexta Intervenção 10 e 12 de maio de 2022

Contextualização / Descrição da atividade

Esta quarta intervenção, consistiu na leitura exploração de uma primeira parte da história do livro “A viagem de Peludim” de Sara Rodi e Vânia Beliz com o recurso ao projetor.

Dividimos a história em dois momentos. Nesta intervenção abordamos apenas o primeiro momento que vai do início do livro até à página 63, onde Peludim se apresenta e parte numa aventura pelo planeta terra sem saber se um dia terá uma antena na cabeça como o pai ou duas como a mãe pois no seu planeta isso não se descobre à nascença. Na terra, com os gémeos Clara e Salvador, procura perceber como se nasce, como se cresce e como se distinguem as meninas dos meninos.

Na sexta intervenção demos continuidade à leitura exploração da história do livro “A viagem de Peludim” de Sara Rodi e Vânia Beliz com o recurso ao projetor. Nesta intervenção partimos para o

segundo momento da história que vai da página 64 onde Peludim demonstra perceber a diferença entre menino e menina e explora as funções dos órgãos genitais, as células masculinas e as células femininas e finalmente a formação de um bebê.

Figura 23 - Capa do livro

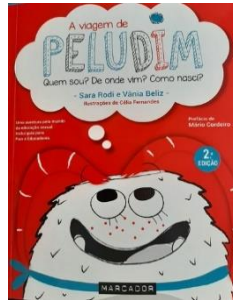


Figura 24 - Imagem da Leitura e exploração do livro “A viagem de Peludim” de Sara Rodi e Vânia Beliz.



Figura 25 - Imagens da construção do peludim, partilhadas pelos pais



Reflexão acerca dos resultados

Iniciamos a quinta intervenção com a leitura e exploração do Livro “A Viagem de Peludim” de Sara Rodi e Vânia Beliz, onde as crianças viram o livro projetado na parede e acompanharam a leitura do mesmo.

Optamos por dividir a leitura e exploração da história em dois momentos. O primeiro momento foi do início do livro até à página 63, onde Peludim se apresenta e parte numa aventura pelo planeta terra sem saber se um dia terá uma antena na cabeça como o pai ou duas como a mãe pois no seu planeta isso não se descobre à nascença. Na terra, com os gémeos Clara e Salvador, procura perceber como se nasce, como se cresce e como se distinguem as meninas dos meninos. Até à página 63, Peludim compreende a diferença entre menino e menina. O segundo momento, vai da página 64, onde Peludim demonstra perceber a diferença entre menino e menina e explora as funções dos órgãos genitais, as células masculinas e as células femininas e finalmente a formação de um bebé.

No primeiro momento, iniciamos a leitura da história com a sua projeção na parede e as crianças foram interpretando as imagens que iam surgindo. Ao longo da leitura as crianças demonstraram-se muito interessadas em conhecer a história, mas também em participar na interpretação da mesma.

O seguinte excerto demonstra o interesse das crianças em participar:

Estagiária: “Olhando para a capa deste livro que titulo lhe dariam?”

G: “Uma bola de pelo” (G, 6 anos)

A: “Monstrinho” (A, 6 anos)

F: “Pirilampo mágico” (F, 6 anos)

Depois de ler o Título do livro, a estagiária pergunta:

Estagiária: “A Viagem de peludim. Quem sou? De onde vim? Como nasci?” Perante este título, do que achas que fala a história?”

M: “De um monstro peludo” (M, 6 anos)

S: “Conta a história de peludim.” (S, 6 anos)

R: “Eu acho que o livro conta a história de peludim e como ele nasceu” (R, 6 anos)

Ao longo da leitura, as crianças fizeram silêncio e demonstram estar bastante interessadas em ouvir a história. Vão participando conforme lhes é solicitado e acham imensa graça aos termos que peludim utiliza para descrever algumas coisas terrestres, como por exemplo, a bicicleta que ele chama de Nave pedalante.

Com a leitura deste primeiro momento do livro foi possível explorar com as crianças, a importância do irmão mais velho, as questões de identidade e a igualdade de gênero, a importância do banho nas rotinas diárias, os diferentes papéis reservados ao pai/e ou à mãe, a identificação dos órgãos genitais e sua identificação correta.

Ao abordar sobre a importância do irmão mais velho, pretendemos demonstrar a todos, mas principalmente a quem já tem ou vão ter em breve como eles são importantes para os pais e que não é por nascer um irmão que deixam de ser importantes para eles. Para muitas crianças o momento de receber um irmão pode ser vivido com angústia e por isso é importante que eles percebam a sua importância como irmãos mais velhos. Aqui as crianças que têm irmãos partilham um pouco da sua experiência:

L: “A minha mãe está grávida, e quando o bebé nascer eu vou ajudar a minha mãe a cuidar dele.” (L, 6 anos)

GU: “Eu tenho um irmão, mas ele chora muito e fica na minha avó!” (GU, 6 anos)

G: “Quando a minha irmã era pequena eu tomava conta dela. E até ajudava a mudar a fralda.” (G, 6 anos)

Nas questões da identidade, pretendemos sensibilizar e intervir positivamente sobre jogos e brincadeiras que os meninos e meninas não brincam ou não jogam por preconceito ou discriminação, de forma a contribuir para a igualdade de gênero. Aqui as crianças demonstraram muito participativas e até muito respeitosas:

ALL: “O meu pai quando era novo tinha o cabelo muito comprido e a minha mãe usa o cabelo curto” (AL, 6 anos)

L: “O meu avô tem o cabelo comprido!” (L, 6 anos)

J: “O Gui gosta de usar sapatos de tacão alto e bolsas quando brincamos às casinhas e ele é um menino.” (J, 6 anos)

D: “Eu gosto mais de jogar à bola com os rapazes do que brincar com as bonecas com as meninas e sou menina.” (D, 6 anos)

G.A: “Eu também gosto de brincar com bonecas e não é por isso que sou menina.” (G.A, 6 anos)

Aproveitamos a história deste livro para reforçar a importância do banho nas rotinas diárias e comportamentos que ajudam a prevenir a violência sexual. Assim, com a leitura do texto fomos explicando a importância de se tornarem independentes na hora do banho, e de se despirem apenas

se se sentirem á vontade e que não o devem fazer com pessoas que não sejam da sua confiança.

Algumas crianças partilharam a sua experiência:

L: “Eu só gosto de tomar banho com a minha mãe.” (L, 6 anos)

AL: “Eu já tomo banho sozinha, mas a minha mãe vai sempre ver se me lavei bem e ajuda-me com o meu cabelo.” (AL, 6 anos)

J: “Eu tomo banho sozinho.” (J, 6 anos)

No que concerne aos diferentes papéis reservados ao pai/e ou à mãe, quisemos quebrar alguns estereótipos de género que são cimentados nesta fase, de forma a prevenir a discriminação de género no futuro. A estagiária colocou algumas questões:

Estagiária: “Nesta imagem, quem é que está a utilizar o aspirador?”

Todos: “O pai!”

Estagiária: “E lá em casa? Quem aspira a casa?”

AL: “As vezes é a mãe, outras vezes o pai. E eu também ajudo” (AL, 6 anos)

R: “A empregada” (R, 6 anos)

F: “A mãe.” (F, 6 anos)

LR: “A mãe e o pai.” (LR, 6 anos)

Estagiária: “E quem passa a ferro”

R: “A empregada” (R, 6 anos)

LR:” A mãe” (LR, 5 anos)

M.M: “As vezes o pai também” (M.M, 6 anos)

Estagiária: “e quem lava a loiça”

A: “As vezes é a mãe, outras vezes o pai.” (A, 6 anos)

R: “A empregada” (R, 6 anos)

J: “A mãe.” (J, 6 anos)

Estagiária: “E quem ajuda a mãe e o pai? Vocês ajudam?”

G: “Eu ajudo. Até ajudo no restaurante dos meus pais” (G, 6 anos)

R: “A empregada faz tudo” , “Mas eu ajudo, fico no sofá para ela aspirar” (R, 6 anos)

F: “Eu ajudo e gosto de ajudar.” (F, 6 anos)

L: “Eu também ajudo” (L, 6 anos)

LR: “A minha mãe só me manda arrumar os meus brinquedos” (LR, 5 anos)

Estagiária: “e vocês acham que as tarefas de casa devem ser feitas por quem?”

GU: “Pela mãe” (GU, 6 anos)

AL: “Por todos” (AL, 6 anos)

J: “Pela mãe e pelo pai” (J, 6 anos)

M.M: “Por todos. todos devemos ajudar.” (M.M, 6 anos)

Ao questionar sobre o porquê de ser a mãe e não o pai, as crianças responderam no geral que o pai trabalha até mais tarde e a mãe tem mais tempo para se dedicar à casa. Onde isso não acontece, normalmente as tarefas são repartidas à exceção de uma das crianças que diz ter empregada para tudo.

Com a identificação dos órgãos genitais e sua nomeação correta aproveitamos para explicar que estas são partes íntimas porque são apenas delas e é por isso que estão guardadas dentro da roupa, sensibilizando para a importância das partes íntimas, como fator de proteção e prevenção da violência sexual. Assim, para além da identificação dos mesmos com os nomes corretos aproveitamos para abordar um pouco sobre a prevenção da violência sexual. Frisamos que os nossos órgãos genitais são partes muito importantes do nosso corpo e que apenas as pessoas da nossa confiança podem ajudar a lavar, limpar e proteger. Para além destas pessoas de confiança, como a mãe, o pai, a educadora, a auxiliar somente o médico ou a enfermeira poderá precisar de observar e cuidar, mas não devem ser tocadas ou mostradas a outras pessoas.

Todas as crianças prestaram muita atenção ao que foi explicado e de seguida ouviu-se alguns comentários:

AL: “Eu não deixo ninguém ver as minhas partes íntimas.” (AL, 6 anos)

A: “Eu já vi o pênis do Gustavo na casa de banho. E o do Lourenço.” (A, 6 anos)

ML: “sim, na casa de banho as vezes vemos” (ML, 5 anos)

L: “A pilinha do S é pequenina. ” (L, 6 anos)

A: “Não é pilinha L, é ténis.” (A, 6 anos)

G: “Não é ténis, é pênis.” (G, 6 anos)

O grupo demonstra ter aprendido os termos corretos a utilizar e a Estagiária mostra no quadro a diferença entre ténis e pênis para que não restem dúvidas.

Esclarecemos que é natural que tenham visto porque vão à casa de banho todos juntos, mas reforçamos a ideia de que estas são partes íntimas e são apenas delas e é por isso que estão guardadas dentro da roupa não é para andarmos a mostrar a ninguém. Explicamos ainda, que o todos

somos diferentes e por isso, também os nossos órgãos genitais são também diferentes. Mas não há problema nenhum nisso. São simplesmente diferentes.

A envolvimento e participação de todos foi grande e por isso concluímos esta primeira parte mesmo no final da manhã.

No segundo momento, iniciamos a leitura da história com a sua projeção na parede como na primeira parte. As crianças foram interpretando as imagens que iam surgindo, no entanto, esta intervenção realizou-se na parte da tarde (ao contrário da anterior) e verificou-se uma maior destabilização do grupo. Constatamos que tal como a educadora cooperante tinha alertado, as atividades da parte da tarde não são tão produtivas porque as crianças estão mais cansadas.

Com a leitura deste segundo momento do livro foi possível explorar com as crianças, o conceito de célula (células femininas e células masculinas) e suas funções, como se fazem os bebés, o nascimento e diferentes tipos de parto.

Iniciamos a leitura do livro que começa por “E quando formos adultos - acrescenta a clara -, esses órgãos vão servir para fazer bebés.” Aqui, antes de terminar a frase, a estagiária pergunta:

Estagiária: “Vão servir para?”

AL: “Para fazer chichi” (A, 6 anos)

G: “Para distinguir os meninos das meninas.” (G, 6 anos)

Estagiária: E mais? Sabem mais funções dos nossos órgãos genitais?”

AL: “Para fazer chichi” (AL, 6anos)

D: “Para os bebés saírem. Eu saí pela... pela... pelo pipi da minha mãe”

A estagiária termina a leitura da frase e a reação das crianças foi fantástica:

A: “A sério?” (A, 6 anos)

AL: “Não?” (AL, 6 anos)

L: “Oh ela está a brincar. Não é a sério!” (L, 6 anos)

RL: “Não acredito” (RL, 6 anos)

Estagiária: “É verdade sim, querem perceber melhor como é?”

Todos: “Siiiiim!”

Neste momento fez-se um silêncio gigante dentro da sala. As crianças mostraram-se completamente surpreendidas com o que acabaram de ouvir e ficaram curiosas para perceber o que acontece. Para que fosse perceptível o conceito de célula para todas as crianças, recorreremos a um vídeo do Youtube: Célula - a menor parte de qualquer organismo do YouTube onde explica o que é uma

célula e que elas funcionam como materiais de construção do nosso corpo. Este vídeo serviu de impulso para falarmos sobre as células especiais que o homem e a mulher precisam para formar um bebé. Aqui, importou esclarecer os conceitos básicos da reprodução humana clarificando o tema do nascimento. Assim, a estagiária explica às crianças que o espermatozoide (célula do homem) e o óvulo, célula da mulher são células sexuais, mas o nosso corpo tem muitas células diferentes e com muitas funções e que para haver um bebé, serão necessárias as duas células e este encontro entre as células da mulher e as células do homem só deve acontecer quando ambos são adultos e ambos querem ter um bebé.

As crianças observaram muito atentas as imagens do livro onde estão representados os órgãos sexuais do homem e da mulher e a estagiária apontou para as células de modo a ajudar na interpretação das imagens. Algumas crianças comentaram as imagens:

A: “A célula do homem parece um peixe. E o pénis parece uma torneira.” (A, 6 anos)

RL: “E o que acontece às células do homem que não entram na célula da mulher?” (RL, 6anos)

Estagiária: “Os espermatozoides que não conseguem entrar no óvulo não sobrevivem, muitas morrem mesmo antes de conseguir chegar perto do óvulo.”

Ao continuar a leitura do livro, a estagiária pergunta se alguém sabe quanto tempo fica o bebé dentro da barriga da mãe:

A: “9 semanas.” (A, 6 anos)

L: “muitas semanas” (L, 6 anos)

Ninguém sabe ao certo quanto tempo o bebé fica na barriga da mãe e por isso a estagiária explica e mostra imagens das diferentes fases de desenvolvimento de um bebé dentro da barriga da mãe. As crianças demonstram muita curiosidade sobre o assunto fazendo algumas perguntas que fomos registando:

M.M: “Os bebés comem na barriga da mãe?” (M.M, 6 anos)

L: “Os bebés fazem chichi dentro da barriga da mãe?” (L, 6 anos)

G: “Os bebés ouvem o que nós dizemos cá fora?” (G, 6 anos)

GU: “Como é que os médicos conseguem ver se o bebé é um menino ou uma menina?”
(GU, 6 anos)

A: “O cabelo dos bebés cresce dentro da barriga da mãe?” (A, 6 anos)

R.L: “Como é que o bebé cabe dentro da barriga?” (R.L, 6 anos)

M.L: “A mãe sente o bebé dentro da barriga?” (M.L, 6 anos)

A.C: “Como é que o bebé não abafa dentro da barriga?”

H: “Os bebés respiram dentro da barriga?” (H, 6 anos)

Após o esclarecimento muito rápido sobre todas as questões colocadas a estagiária pergunta se gostavam de saber mais sobre o desenvolvimento do bebé na barriga da mãe e todos respondem que sim.

Ao longo do resto da leitura do livro, todos demonstram já saber sobre os diferentes tipos de parto pois já trabalhamos isso anteriormente, assim como sabem que os bebés se alimentam do leite que o peito da mãe produz. O seguinte excerto demonstra as aprendizagens das crianças com as atividades realizadas anteriormente:

Estagiária: “E agora? Como é que o bebé sai da barriga da mãe?”

G: “Pela barriga ou pelo órgão genital da mulher” (G, 6 anos)

M.M: “Pela barriga! Eu nasci pela barriga da minha mãe. O médico cortou a barriga e tirou-me de lá.” (M.M, 6 anos)

Estagiária: “E como é que o bebé se alimenta? Alguém sabe?”

L: “Leite”

J.L: “Alimenta-se nas maminhas da mãe”

G.B: “Também podem comer do leite em pó. A minha mãe contou-me que quando eu nasci ela não tinha leite e ela comprava leite em pó na farmácia.”

Com a leitura e exploração desta história, facilmente percebemos que as atividades anteriores geraram conhecimento nas crianças sobre si próprias que as ajudaram a compreender melhor o mundo. Para além disso, as crianças aprenderam de forma simples e clara de que forma os órgãos genitais servem para fazer bebés.

Para finalizar, cada criança levou o desenho do peludim para casa de forma a partilhar a história com os pais e decidirem se é um ele ou uma ela e posteriormente partilhar nas redes sociais que utilizam para comunicar com a educadora.

Esta atividade permitiu às crianças a partilha de informação pessoal com o grupo das suas vivências em sociedade e dos seus conhecimentos. Para além disso permitiu-nos perceber os interesses gerais do grupo, de forma a direcionar as atividades em função dos mesmos.

Sétima Intervenção 13 de Maio de 2022

Contextualização / Descrição da atividade

Com esta intervenção o nosso foco foi a compreensão da gestação de um bebé e todo o seu desenvolvimento até ao parto.

Para abordar as questões da gestação, utilizamos um vídeo do Youtube para contar a história “Como é que ele foi parar aí dentro” de Vanessa Prezoto e Ilan Brenman. Após a visualização da história promovemos uma discussão sobre o que que aprendemos e concluímos a intervenção com a realização de um grafismo sobre como pensam que os bebés estão dentro da barriga da mãe.

Figura 26 - Desenhos da percepção das crianças sobre o bebé na barriga da mãe, antes da intervenção





Reflexão acerca dos resultados

As reflexões realizadas sobre as intervenções anteriores levaram-nos a alterar a direção das intervenções. As crianças demonstraram interesse em conhecer melhor o desenvolvimento do bebé na barriga da mãe. Para tal, retificamos as planificações de forma a ir ao encontro dos interesses das crianças.

Assim, utilizamos um vídeo do Youtube para contar a história “Como é que ele foi parar aí dentro” de Vanessa Prezoto e Ilan Brenman. As crianças assistiram ao vídeo e no final, promovemos uma discussão onde relembramos o que já aprendemos. Durante a discussão as crianças partilharam com as colegas as suas ideias e dúvidas e demonstraram conhecer muitos termos relacionados. O seguinte excerto da troca de ideias demonstra esta noção:

Estagiária: “Como é que o bebé foi parar dentro da barriga da mãe?”

F: “As células do homem juntaram-se com as células da mulher e formou-se o bebé” .

A: “O pai e a mãe queriam ter um bebé e ficaram muito juntinhos”

Estagiária: E como é que o bebé se desenvolve na barriga da mãe?”

M.M: “A minha mãe disse-me que os bebés dentro da barriga da mãe comem por uma corda”

Estagiária: “Chama-se cordão umbilical”

L: “E os bebés ouvem as pessoas a falar cá fora. Eu falo para o meu irmão”

G: “E eles também ouvem música, mas não ouvem muito porque estão dentro de água”

Estagiária: “Vocês acham que os bebés estão na água?”

GU: “Sim, a minha mãe disse”

A: “Não é água! É um líquido!”

Estagiária: “Sabem como se chama esse líquido?”

L: “É chichi”

M: “Não é nada!”

Estagiária: “Esse líquido chama-se líquido amniótico”

L: “Pois é. Eu já ouvi a minha mãe a dizer esse nome esquisito”

De seguida, pedimos às crianças que realizassem um grafismo de como pensam que os bebés estão dentro da barriga da mãe.

Nos desenhos que as crianças realizaram, é perceptível a falta de conhecimento sobre o assunto, sendo o bebé representado muitas vezes solto na barriga, com roupa e sem alusão ao saco amniótico, cordão umbilical e placenta.

Uma das crianças, desenhou dois bebés dentro da barriga e ao questionar sobre o desenho ele demonstra não ter perceção do tempo:

Estagiária: “porque desenhaste dois bebés”

G: “Sou eu e a minha irmã na barriga da minha mãe.” (G, 6 anos)

Estagiária: “mas tu és gémeo da tua irmã?”

G: “não, mas estávamos os 2 na barriga da mãe. Só que eu nasci primeiro.” G, 6 anos)

Estagiária: “Então tu e a tua irmã encontraram-se dentro da barriga da tua mãe?”

G: “Sim. A minha irmã também saiu da barriga da minha mãe.” G, 6 anos)

Estagiária: “sim, mas tu és mais velho do que a tua irmã. Quando tu estavas na barriga da tua mãe a tua irmã ainda não estava lá. Só algum tempo depois de tu nasceres é que as células masculinas e as células femininas se juntaram novamente e formaram a tua irmã” . Desta forma, a atividade permitiu diagnosticar as ideias das crianças.

Oitava Intervenção 16 de Maio de 2022

Contextualização / Descrição da atividade

De forma a responder aos interesses das crianças, a oitava intervenção começou com a visualização do filme retirado do Youtube sobre “Desenvolvimento do bebé dentro da barriga até o nascimento” .

Após a visualização do vídeo, de forma a consolidar os conhecimentos adquiridos, foi promovido um diálogo acerca do que acabaram de assistir e repetiram por fim o grafismo do bebé dentro da barriga da mãe, desenhando conforme aquilo que aprenderam.

Figura 27 - Desenhos da percepção das crianças sobre o bebé na barriga da mãe após intervenção





Reflexão acerca dos resultados

Começamos a intervenção com a visualização de um vídeo, retirado do Youtube, sobre o desenvolvimento embrionário. Ao longo da visualização do vídeo, a estagiária foi explicando algumas questões menos claras. Após a visualização do vídeo promovemos um diálogo acerca do que acabaram de assistir. As crianças demonstram se participativas e empolgadas com as aprendizagens. O vídeo respondeu a todas as questões colocadas pelas crianças no momento da leitura do livro “A viagem de peludim” e por isso estas questões foram colocadas pela estagiária ao grupo para perceber se as dúvidas foram esclarecidas:

Estagiária: “Os bebés comem na barriga da mãe? Como?”

M.M: “Sim, pela placenta?” (M.M, 6 anos)

Estagiária: “E como é que o bebé está ligado à placenta?”

M.M: “Por uma corda” (M.M, 6 anos)

G: “Pelo cordão umbilical” (G, 6 anos)

Estagiária: “os bebés fazem chichi dentro da barriga da mãe?”

L: “Sim, e até engolem.” (L, 6 anos)

Estagiária: “Os bebés ouvem o que nós dizemos cá fora?” (G, 6 anos)

G: “Sim, quando as orelhas já estão grandes?” (G, 6 anos)

Estagiária: “O cabelo dos bebés cresce dentro da barriga da mãe?” (A, 6 anos)

A: “Sim, quando ele já tem muitas semanas?” (A, 6 anos)

Estagiária: “Como é que o bebé cabe dentro da barriga?” (R.L, 6 anos)

R.L: “Ele é pequenino e quando cresce fica todo dobrado?” (R.L, 6 anos)

Estagiária: “A mãe sente o bebé dentro da barriga?” (M.L, 6 anos)

M.L: “Sim, quando ele já é grande?” (M.L, 6 anos)

Estagiária: “Como é que o bebé não abafa dentro da barriga?” , “Os bebés respiram dentro da barriga?”

H: “Sim.” (H, 6 anos)

Estagiária: “Como é que o bebé respira dentro da barriga?”

H: “Pelo cordão” (H, 6 anos)

Ao longo do diálogo em que as crianças partilham as suas experiências surgiu uma questão:

GU: “Como é que os médicos conseguem ver se o bebé é um menino ou uma menina?”

(GU, 6 anos)

A estagiária explicou que é através das ecografias e aproveitou para pedir aos meninos que solicitassem aos pais para trazerem uma ecografia de quando estavam na barriga da mãe para partilhar com os colegas no dia seguinte.

De forma a consolidar os conhecimentos que adquiriram, pedimos que repetissem o grafismo do bebé dentro da barriga da mãe, desenhando conforme aquilo que aprenderam.

Com a repetição deste grafismo, pretendeu-se verificar se as ideias das crianças acerca da temática se mantinham ou se tinham evoluído.

Ao analisar estes novos grafismos já percebemos que houve uma evolução no conhecimento das crianças. Agora já desenhavam o bebé dentro da bolsa, alguns até pintam à volta do bebé para representar o líquido amniótico, o cordão umbilical e até a placenta já é visível nestes grafismos.

Análise dos desenhos

Figura 28 - Percepções anteriores à intervenção



Figura 29 - Percepções após intervenção



Ao realizarmos uma comparação de dois desenhos da mesma criança antes e após a intervenção sobre a temática, verificamos que houve uma evolução de conhecimento. Na Fig.28 (anterior à intervenção) a criança desenha o bebê solto na barriga da mãe e com roupa. Já na Fig. 29 (após a intervenção) já se verifica que existe um líquido à volta do bebê e é também perceptível o cordão umbilical.

Figura 30 – Percepções anteriores à intervenção



Figura 31 - Percepções após intervenção



Nestes dois grafismos realizados pela mesma criança também é bem notória a evolução, na medida em que a criança se desenhava a ela e a irmã na barriga da mãe (embora ele seja mais velho que a irmã) e depois da intervenção percebeu que embora ambos tivessem saído da mesma barriga, eles não estavam lá dentro ao mesmo tempo. Aqui também se percebe que houve uma evolução na medida em que é visível o saco amniótico, o cordão umbilical e até a placenta.

No geral, através dos grafismos verificou-se que agora o bebê era representado dentro de um saco amniótico que contém o líquido amniótico, o cordão umbilical e a placenta.

Com a realização do primeiro grafismo das crianças sobre “Como é que os bebês estão na barriga da mãe?”, pude constatar que não tinham noção relativamente à existência do saco amniótico, cordão umbilical e placenta. Para elas os bebês encontram-se “soltos” no meio da barriga (Fig.26). Após a intervenção sobre o assunto e a visualização do vídeo, foi possível constatar que as ideias iniciais de algumas crianças se tinham alterado, passando a ser o bebê representado dentro de um saco amniótico com líquido amniótico, cordão umbilical e placenta.

Este projeto motivou as crianças nele envolvidas, tendo-lhes proporcionado novas aprendizagens sobre a sexualidade e a Reprodução Humana que foram registados ao longo das sessões e no final aquando da elaboração do livro “A Mãe Grávida” .

Nona Intervenção 17 de Maio de 2022

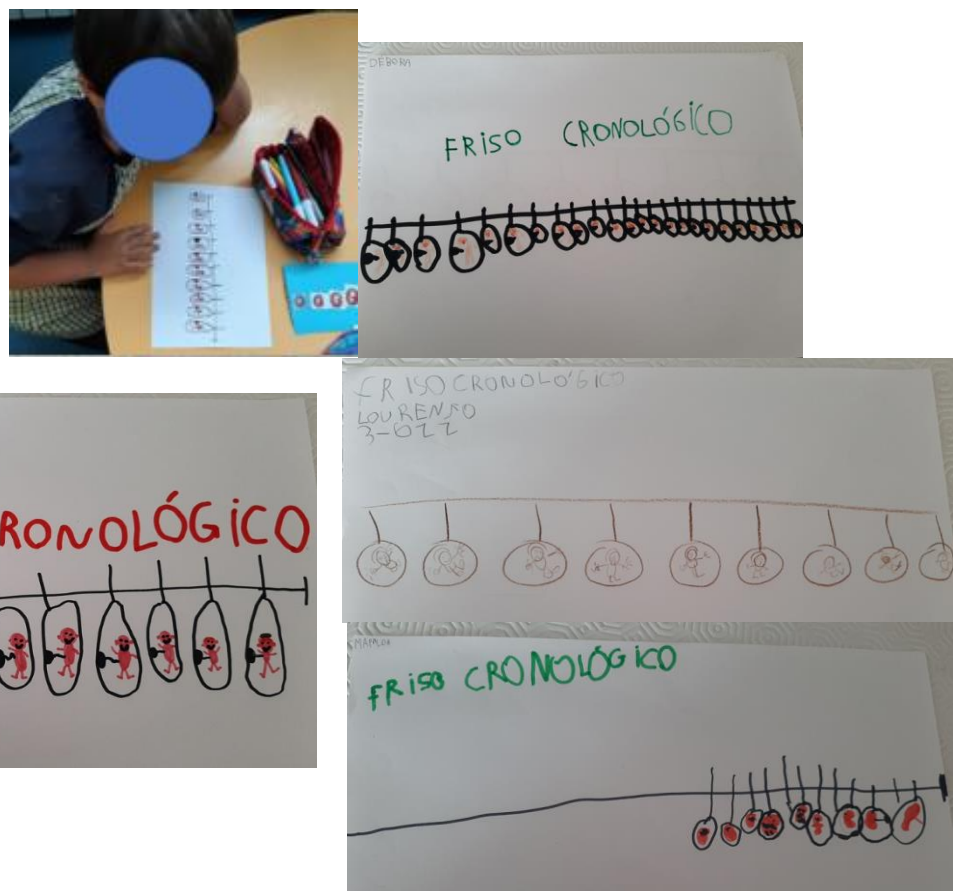
Contextualização / Descrição da atividade

Como a impossibilidade de realizar a nona intervenção seguida da oitava, decidimos iniciar a mesma com um breve diálogo acerca do que já sabem e o que gostariam de saber.

Seguimos com a explicação do conceito de Friso cronológico e a montagem de um, com imagens soltas que a estagiária leva para a sala.

De forma a consolidar conhecimentos, cada um desenhou o seu próprio friso cronológico com base no que aprenderam.

Figura 32 - Desenhos dos frisos cronológicos





Reflexão acerca dos resultados

As crianças foram demonstrando querer saber como é que os bebés evoluem dentro da barriga da mãe. Para aprenderem sobre o assunto, perguntei-lhes se queriam elaborar um friso cronológico expondo assim a sua evolução nos diferentes trimestres.

A nona intervenção teve início com um diálogo acerca do que temos vindo a aprender. Neste diálogo a estagiária colocou algumas questões às quais e as crianças foram respondendo, umas melhores que outras. Desta forma percebemos que as intervenções anteriores foram bastante produtivas e as crianças aprenderam com elas. O diálogo que se segue demonstra algumas aprendizagens adquiridas:

Estagiária: “Então o que aprendemos com o vídeo que assistimos sobre o desenvolvimento do bebé dentro da barriga da mãe?”

L: “Que os bebés comem pelo cordão... não me lembro como se chama” .

AC: “Que fazem chichi e engolem o chichi”

G: “Estão dentro do líquido meniótico”

Estagiária: “Líquido amniótico?”

G: “Sim, isso. Líquido amniótico”

Estagiária: “E mais?”

GU: “Que os bebés podem nascer pela vagina ou pela barriga”

Estagiária: “Muito bem! Pela vagina é o parto Normal ou pela barriga que é a cesariana” .

Após o diálogo e partilha de conhecimento, apresentamos uma série de imagens do desenvolvimento do bebé e pedimos às crianças que as organizem desde a mais nova à mais velha. As crianças vão dando a opinião sobre qual é a primeira e a última e foram organizando as imagens de forma correta, embora tenham tido alguma dificuldade nas últimas fases do desenvolvimento do bebé. Após a conclusão da organização das imagens, a estagiária explica o conceito de friso cronológico (que consiste em situar os factos históricos sobre uma linha na qual se apresenta o tempo cronológico). A ideia inicial consistia em utilizar as ecografias, pedidas anteriormente, para a realização desta atividade. No entanto, nenhuma criança trouxe as suas ecografias para partilhar com o grupo e decidimos desenhar o nosso próprio friso cronológico.

Assim, cada criança desenhou o seu friso cronológico e em alguns a evolução do bebé é mesmo perceptível.

Uma das ideias para esta intervenção era organizar um conjunto de perguntas que gostassem de colocar a uma grávida para na próxima intervenção, receber a visita da mãe da L. visto que está grávida. No entanto, tendo em conta o aumento de casos de Covid 19 no grupo, a educadora cooperante e a diretora da escola acharam melhor cancelar a visita desta mãe às instalações.

Décima Intervenção 19 de Maio de 2022

Contextualização / Descrição da atividade

Na décima intervenção, começamos por jogar ao Jogo da bola saltitona que consistiu em cada criança escolher um amigo para atirar a bola, mas antes de atirar a bola tinha que dizer as características da criança que escolheu. Prosseguimos com a atividade “Eu sou assim” em que as crianças a pares ou em grupos de 3 realizaram o contorno e ilustração de cada elemento do grupo em tamanho real.

Para terminar a intervenção promoveremos uma discussão em grande grupo para decidirmos o que fazer com os desenhos e trabalhos que realizamos.

Figura 33 - Imagens da realização da atividade “Eu sou assim”



Figura 34 - Imagens da realização do livro “A mãe grávida”



Reflexão acerca dos resultados

Na decima intervenção, começamos por jogar ao Jogo da bola saltitona que consiste em cada criança escolher um amigo para atirar a bola, mas antes de atirar a bola tem que dizer as características da criança que escolheu. Desta forma, todas as crianças foram apontando características diferentes sobre a mesma criança e foram partilhando opiniões uns sobre os outros.

Após o jogo da bola saltitona, chegou a vez da realização da atividade “Eu sou assim” em que as crianças a pares ou em grupos de 3 desenharam e pintaram cada elemento do grupo em tamanho real. Cada criança escolheu uma posição para se deitar sobre o papel Kraft e uma criança à escolha desta desenhou a lápis o seu contorno com a ajuda da estagiária. Depois de desenhado o contorno, cada criança escolheu um ou dois amigos para o ajudar a pintar-se e a desenhá-lo a si próprio. Foi uma atividade muito prazerosa para todas as crianças. Como é uma atividade que requer tempo e espaço para trabalhar, a mesma foi realizada ao longo de vários dias. As crianças estavam ansiosas pela sua vez e sempre e perguntavam constantemente quando seria a sua vez de a realizar. Com esta atividades as crianças foram chamadas a olhar para si próprias e a desenhá-las as suas características tal como as observa.

Para terminar a intervenção promovemos uma discussão em grande grupo para decidirmos o que fazer com os desenhos e trabalhos que realizamos. Surge a ideia de organizar uma exposição para os pais visitarem. As crianças não se conseguem conter e dão pulos de alegria com a ideia. Depois, a estagiária pergunta o que podemos fazer mais para mostrar aos pais as aprendizagens adquiridas e as crianças sugerem a pintura de uma mulher grávida em tamanho real (que não foi possível pela falta de tempo) e a realização de um livro da turma. Assim, colocamos mãos à obra e em pequenos grupos

foram desenhando e escolhendo os melhores desenhos para integrar no livro final das suas aprendizagens. No fim dos desenhos selecionados promovemos uma discussão sobre que título dar ao nosso livro. Ao olhar para as imagens desenhadas a decisão do grupo foi unânime e o título ficou “A Mãe Grávida” . Fomos construindo o livro em grande grupo, ordenando os desenhos realizados e com a ajuda da estagiária foram acrescentando texto aos desenhos. Com o desenvolvimento desta atividade pude observar que todas as crianças se sentiram empolgadas, demonstrando uma vez mais o gosto pela temática e por aprender, a brincar.

Um desafio e simultaneamente uma dificuldade, foi a racionalização das estratégias a utilizar e perceber que essas estratégias iriam desencadear as ações das crianças. Outra dificuldade associada à planificação foi compreender a estreita relação entre as intencionalidades educativas, as estratégias e a avaliação.

Quando colocava em prática alguma proposta e esta corria menos bem, eu questionava-me e tentava compreender o que poderia ser alterado ou qual o motivo de não ter corrido como eu esperava.

Décima primeira Intervenção 28 de Junho de 2022

Contextualização / Descrição da atividade

A última intervenção, foi dedicada à divulgação das aprendizagens adquiridas ao longo da implementação do projeto através de uma exposição, aberta à comunidade educativa e às famílias, onde se mostram os trabalhos realizados pelas crianças.

Ao longo da exposição, foi partilhado com os pais aquilo que trabalhamos e sobre o que as próprias crianças partilharam em casa sobre o assunto. Na exposição, os pais tiveram contacto com o tema, visualizaram o que os seus filhos trabalharam e até colocaram questões sobre a abordagem do tema com as crianças. Para ajudar os pais e educadores, colocamos alguns livros de referência na exposição para trabalhar o tema em casa e na escola.

De forma a dar continuidade ao que foi feito na escola, enviamos para os pais um pequeno livro informativo para facilitar na hora de abordar estes assuntos com os filhos (Apêndice 2).

Figura 35 - Imagens da exposição para os pais e comunidade educativa













Reflexão acerca dos resultados

A última intervenção, foi dedicada à divulgação das aprendizagens adquiridas ao longo da implementação do projeto através de uma exposição, aberta à comunidade educativa e às famílias, onde se mostraram os trabalhos realizados pelas crianças. Todos/as, sem exceção, puderam explorar e descobrir mais acerca da temática.

A exposição foi montada no exterior da escola e vários pais que passavam para deixar os filhos elogiavam os trabalhos. Escutamos comentários como “Assim dá vontade de voltar a ser criança” , “Trabalhos fantásticos” , “Boa iniciativa” ...

Ao longo da exposição, fomos conversando com os pais das crianças da sala sobre aquilo que trabalhamos e sobre o que as próprias crianças partilharam em casa sobre o assunto. Na exposição,

os pais puderam contactar com o tema, perceber o que os seus filhos trabalharam e até colocar questões sobre a abordagem do tema com as crianças. Para ajudar os pais e educadores com a temática, colocamos alguns livros de referência na exposição.

Ao longo da manhã e em conversa com vários pais foi perceptível que as crianças partilharam o que foram aprendendo com os pais embora algumas coisas ficassem um pouco confusas para os pais. Por exemplo, em diálogo com a mãe de uma menina, e após explicar os gráficos das alturas, ela diz:

E.: Realmente a G veio com a conversa de que nasceu mais pequena do que a M mas que agora é maior, e que o H nasceu maior que o S e agora o S é maior que o H. Na altura não percebi muito bem como é que ela alcançou esse conhecimento, mas agora está explicado.”

Outro exemplo foi uma mãe que agradeceu por termos abordado este tema. Depois explicou que o filho lhe tinha perguntado como se fazem os bebés e que ela não sabia muito bem o que lhe dizer. Entretanto dias depois o filho chegou a casa e disse-lhe que já não era preciso explicar porque nesse dia a Cristiana (Estagiária) explicou que existem duas células, uma do homem e uma da mulher, que se juntam e formam o bebé.

Ao longo da visita das restantes salas da escola, as crianças foram tentando adivinhar a quem correspondia cada desenho. Algumas crianças foram facilmente reconhecidas pelos colegas no seu desenho de si próprio pelas suas características muito particulares. Inclusive o irmão de 3 anos de uma das meninas dirigiu-se de imediato ao desenho da irmã, mostrando reconhecê-la.

No geral os pais ficaram muito felizes ao ver os trabalhos dos filhos e perceber que houve uma evolução nas suas aprendizagens e agradeceram todo o trabalho realizado reconhecendo que é um tema difícil para eles.

Com esta intervenção foi possível constatar que conseguimos levar o tema até à casa das crianças e incentivar os pais a participar ativamente nas aprendizagens das crianças.

Esta intervenção reporta-nos para a divulgação e avaliação do projeto - etapas que considero muito importantes pois uma das suas grandes finalidades é apoiar o processo educativo, garantindo a aprendizagem das crianças. A avaliação é parte integrante de toda a prática educativa. Esta permitiu-me recolher informações sobre as aprendizagens realizadas pelas crianças.

A avaliação do projeto ocorreu de forma direta sendo que ao longo do tempo, se realizou uma observação atenta e um registo sucinto do que as crianças iam falando e pedindo e através de conversas informais que tivemos com os pais.

Avaliação

Após a descrição das interações mais significativas é agora necessário analisar o que foi aqui apresentado. Tal como já referi anteriormente, a educação para a sexualidade é ainda muitas vezes encarada pelas instituições educativas e pelas famílias, como podendo trazer diversas dificuldades, problemas e desafios. No contexto onde trabalhamos, encontrei ainda um entrave à abordagem deste tema, pois a biblioteca Municipal assume não ter meios para a abordagem do mesmo.

Como estagiária, procurei desenvolver uma prática baseada nos valores que considero cruciais e que procuro transmitir a todas as crianças. Desta forma, considero que a implementação deste projeto constituiu uma nova experiência para todas as crianças.

Através das conversas informais com as crianças, educadora, auxiliar e pais, bem como nas brincadeiras, pude verificar que os conceitos envolvidos foram interiorizados pelas crianças.

O projeto “*A Educação para a Sexualidade em contexto pré-escolar*” decorreu de acordo com as expectativas. Contudo, estou consciente que poderia ter corrido melhor, caso tivesse mais tempo para abordar a temática e não tivessem existido tantas interrupções durante o período de estágio. Tal como já referi anteriormente, a instituição onde decorreu a minha intervenção, promove constantemente atividades com as crianças que as mantêm bastante ocupadas a aprender. Desta forma, considero que o tempo cedido para a implementação deste projeto foi muito bem aproveitado conseguindo obter grandes aprendizagens nos envolvidos.

A satisfação e a participação das crianças permitiram perceber que o principal objetivo foi alcançado.

Através de diálogos informais, verifiquei que tanto as crianças como a restante comunidade apreciaram bastante o projeto considerando-o útil para o seu desenvolvimento e crescimento.

“Parabéns pelo seu trabalho Cristiana! O meu filho perguntou-me como se fazem os bebés e eu não consegui dar-lhe uma resposta imediata. Um dia destes virou-se para mim e disse: já não me precisas de explicar como se fazem os bebés porque eu já sei! São as células do homem que se juntam com as células da mulher e formam o bebé. Foi então que ele me disse que a Cristiana lhe explicou tudo. Fiquei tão aliviada naquele momento que a minha vontade era dar-lhe um beijo! Muito obrigada” (Testemunho de uma mãe)

Remetendo para os objetivos específicos considero que foram todos trabalhados e desenvolvidos. Estando cada um presente em momentos e fases diferentes do processo de intervenção, mas, no seu conjunto foram cruciais para os resultados alcançados.

CAPÍTULO V - Considerações Finais

Neste capítulo apresento uma reflexão crítica geral, bem como as considerações finais sobre o a implementação do projeto “A Educação para a Sexualidade no Jardim de Infância” em dois contextos distintos.

Reflexão Crítica

Em modo de reflexão pessoal, considero que este estágio se demonstrou bastante diversificado, onde coloquei em prática muito do conteúdo teórico que recebi ao longo do curso.

Durante este período, tive o privilégio de conviver com profissionais notáveis, com anos de experiência, cheios de conselhos para dar aos mais novos. Assim considero que o estágio funcionou para mim como um verdadeiro complemento às aprendizagens da sala de aula, retratando uma nova abordagem ao conhecimento que me foi transmitido pelos professores através de provas trabalhos e seminários ao longo do curso. Por tudo isto, considero que o estágio é fundamental, pois para além de ganhar experiência e conhecer grandes profissionais, pude vivenciar situações que me prepararam para o mercado do trabalho. Durante o meu estágio vivenciei várias particularidades da profissão. para além disso notei que aquilo que fiz diariamente e com alguma frequência foi absorvido com muito mais eficiência. Foram muitas e gratificantes as aprendizagens adquiridas, quer com os profissionais, quer com as crianças.

Esta Prática Pedagógica foi, sem dúvida, fundamental para ganhar alguma sensibilidade relativamente ao que é ser educadora e à forma como esta deve agir perante as crianças. Isto só foi possível graças às educadoras cooperantes que me “abriram” a mente e ajudaram a ver que o objetivo principal é pensar sempre nas crianças, nos seus interesses e nas suas conquistas.

Aprendi que uma educadora deve sempre proporcionar à criança aprendizagens significativas, partindo dos interesses que estas vão demonstrando ao longo do tempo, propondo atividades que despertem a sua curiosidade e atenção, tendo sempre em conta o tempo de duração das mesmas. Devemos, sempre, transmitir calma e segurança, comunicando de forma clara e rigorosa, utilizando uma palavra assertiva sempre que necessário, elogiando a criança sempre que ela realize uma aprendizagem, faça algo correto ou demonstre empenho e dedicação numa tarefa, mobilizando desta forma emoções positivas.

Enquanto educadoras devemos saber liderar, guiar o grupo e não ter uma postura autoritária, pois a diferença entre apelar para a obediência e para a cooperação é que em uma relação cooperativa

o professor pede, ao invés de dizer, sugere, ao invés de exigir, e persuade, ao invés de controlar (DeVries & Zan, 1998, p. 92). Tendo sempre em conta que em determinados momentos é necessário impormo-nos, perante as crianças, de forma clara e firme, explicando sempre que o que estamos a fazer é o melhor para elas, nesse momento. Trata-se também de uma forma de responsabilizar e explicitar que já confiamos na criança e que já esperamos isso dela. Nunca devemos gritar nem humilhar a criança de modo que ela compreenda o que estamos a tentar transmitir. Devemos ver a criança como um ser único e competente que deve ser sempre respeitado e que nos deve respeitar também. O papel da educadora é também mediar conflitos e conversar com as crianças sobre o seu comportamento, olhando-as nos olhos, não esquecendo que o professor construtivista não assume os problemas das crianças e não impõe uma solução. Ele acredita que é importante que as crianças sejam donas dos seus conflitos. Esta atitude leva aos princípios de ensino que apoiam e facilitam a resolução dos conflitos pelas próprias crianças (DeVries & Zan, 1998, p. 92).

Em suma, a educadora deve ter sempre como ponto de partida a criança e as suas necessidades, devendo sempre fazer uma atividade reflexiva sobre o seu próprio desempenho como educadora. Deve, ainda, estar em constante aprendizagem, pois é através dos erros que se aprende e se pode melhorar a intervenção, podendo, desta forma, desenvolver nas crianças melhores aprendizagens. É de salientar que a imagem do educador que trabalha em creche é, também, a imagem de um ser com agência, competente e participativo. Um profissional que, reconhecendo esta imagem de criança, desenvolve quotidianamente ações que respeitem e honrem. Que, em contraste com visões redutoras que o remetem para uma posição subsidiária de agente de cuidados, honrem e respeitem a sua imagem enquanto importante agente educativo. E que, para tal, necessita e tem direito a formação pedagógica geral e específica, isto é, referida à natureza muito particular do contexto de creche (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.14).

Percebi que o papel do educador não é direcionar, mas sim proporcionar momentos evolutivos, pois este deve criar um ambiente propício ao desenvolvimento de cada criança, como um ser individual com personalidade diferente e que se encontra em constante evolução.

Esta Prática Pedagógica foi, sem dúvida, uma mais-valia, tendo-me auxiliado bastante na compreensão relativamente à complexidade da Educação Infantil. Foi uma experiência extremamente enriquecedora, sentindo-me muito feliz por tudo o que aprendi.

Vou levar para o meu futuro profissional tudo o que tive oportunidade de aprender. Sei que nunca vou esquecer estas crianças e aquilo que elas representam.

Para além das características próprias das crianças, levo comigo também a atitude que devo adotar perante as mesmas, primeiramente é necessário ter um papel observador, que tem por objetivo compreender a criança e aquilo que a torna única.

A observação permite conhecer as individualidades das crianças e, dessa forma, proporcionar aprendizagens significativas para cada uma, pois o conhecimento da criança e da sua evolução constitui o fundamento da diferenciação pedagógica que parte do que esta sabe e é capaz de fazer para alargar os seus interesses e desenvolver as suas potencialidades (Ministério da Educação, 1997, p.25).

As dificuldades refletiram-se especialmente no que considero que apenas a prática mudará algum “calo” que é o impor regras. Considero que o tempo de estágio não foi o suficiente para desenvolver mais e melhor esta capacidade de impor as regras numa sala. No entanto considero que houve uma evolução desde o início do meu estágio até ao fim do mesmo.

Considerações Finais

Refletindo sobre a natureza investigativa da intervenção realizada, concluo que esta contribuiu positivamente para a minha formação enquanto educadora, desenvolvendo competências essenciais e determinantes para a docência.

Termino este meu relatório com uma reflexão acerca de um percurso realizado a nível pessoal e profissional. Aqui apresentei um pouco do que aprendi enquanto estagária.

Ter tido esta hipótese de estagiar, e ver na prática tudo aquilo que fui aprendendo no curso, bem como poder atuar pedagogicamente e interagir com as crianças foi fundamental para a minha formação como futura profissional.

Encontro-me a trabalhar e a estudar simultaneamente e por isso o tempo é escasso, levando a esforços suplementares para atingir os objetivos propostos. No entanto, mantive o foco nas minhas responsabilidades, organizando constantemente o meu trabalho sendo desta forma possível desempenhar, ambas as tarefas.

Ao longo do desenvolvimento do projeto foram elaboradas diversas atividades, havendo sempre uma constante preocupação com a multidisciplinaridade, bem como a preocupação da utilização de uma linguagem científica das temáticas respeitando a própria linguagem das crianças.

Através das atividades realizadas, as crianças conseguiram ter um maior contacto com a realidade, favorecendo assim as suas aprendizagens.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, aprendi muito sobre mim e sobre a profissão de educadora, evoluindo enquanto profissional, observando sempre a educadora, tendo-me permitido novas aprendizagens.

Considero que o propósito da minha intervenção foi cumprido, na medida em que a sua implementação possibilitou aprendizagens significativas nas crianças ao nível do conhecimento si mesmo e da sua origem.

Consegui dar visibilidade a uma temática pouco abordada nestes contextos, observando aprendizagens significativas nas crianças de ambos os contextos envolvidos dando às crianças voz e participação ativa no seu próprio crescimento tanto pessoal como social.

Ao longo da implementação do projeto, tive alguns momentos de desânimo, que me obrigaram a repensar o que tinha feito e o que iria fazer, lembrando que no centro de todo o processo educativo estão as crianças e é nelas e nos seus interesses que devemos depositar toda a nossa atenção, promovendo um espaço democrático onde as crianças ganham voz.

Esta investigação/intervenção procurou analisar a evolução das ideias das crianças através da implementação de atividades intercaladas. O envolvimento das crianças nas atividades foi visivelmente de entusiasmo e excitação em ambos os contextos. O interesse das crianças em desenvolver atividades dinâmicas diferentes do seu habitual, é o primeiro passo para que estas estejam envolvidas na sua execução. Consequentemente, todas as atividades são desenvolvidas com sucesso a todos os níveis, quer a nível comportamental, quer a nível de compreensão, bem como da interação e comunicação, apesar do ruído “saudável” dentro das salas.

De um modo geral, conseguimos perceber quais os assuntos no âmbito da sexualidade, que as crianças desejavam ver esclarecidas e quebrar os tabus, a respeito da sexualidade, pois muitas crianças ainda não conheciam nem compreendiam o seu próprio corpo e as transformações próprias do mesmo, o que é agravado com a inibição e muitas vezes vergonha dos pais e educadores. Ao longo das implementações promovemos um ambiente descontraído e esclarecedor acerca do tema, dando início à educação para a sexualidade das crianças, de acordo com os seus interesses e necessidades, promovendo a discussão dos diferentes pontos de vista associados à sexualidade sem imposição de determinados valores sobre outros. Assim, foi visível a evolução das respostas das crianças, comparativamente às suas ideias prévias. Através de diversas atividades as crianças puderam utilizar os seus conhecimentos do quotidiano para realizar previsões de modo a promover uma evolução ou até mesmo uma mudança desses mesmos conhecimentos.

As intervenções realizadas em ambos os contextos, representaram para mim e para as crianças, uma experiência de aprendizagem bastante enriquecedora, pelo que me orgulho de ter atingido os objetivos propostos inicialmente. Para que tal fosse possível procurei valorizar uma atmosfera propícia à liberdade de expressão e de opinião, respeitando sempre as diferentes opiniões dos colegas, desenvolver a discussão em grupo e um ambiente baseado em princípios de cooperação e entreajuda. Um aspeto que procurei manter presente na sala foi a valorização das interações entre as crianças, proporcionando-lhes um ambiente baseado em princípios de liberdade de expressão, respeito, entreajuda e cooperação. Foram muitas vezes promovidas discussões dentro da sala que me permitiram conhecer as ideias das crianças resultantes das suas vivências, de forma a ajudá-las a formular as suas conclusões.

Os resultados revelaram-se positivos, na medida em que foi possível, através da implementação de atividades, verificar que as crianças confrontaram as suas ideias prévias com a realidade empírica. Assim, as atividades mostraram influenciar positivamente as ideias das crianças.

No entanto devem ser consideradas as limitações existentes a nível de tempo, que restringiram a precisão e a validação dos resultados alcançados.

Por fim, considero que o tema que foi trabalhado e desenvolvido é de extrema relevância, porque é uma questão que está sempre presente em qualquer grupo de crianças, em qualquer contexto, em qualquer instituição e qualquer sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, I. (2001). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto: Artmed Editora.
- Avô, A. (1988). *O desenvolvimento da criança*. Lisboa: Texto editora.
- Bettencourt, A., Campos, J. & Fragateiro, L. (2000). *Educação para a Cidadania. Cadernos Coeducação*. Lisboa: Edição da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1991). *Investigação Qualitativa em Educação*. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.
- Brazelton, T. (2007). *O grande livro da criança- o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cohen, L., Manion, L. & Morrison, K. (2007). *Research methods in education*. London: Routledge.
- Cortesão, I., Silva, M. & Torres, M. (1989). *Educação para uma sexualidade Humanizada: Guia para professores e pais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Craidy, C. & Kaercher, G. (2001). *Educação Infantil- Pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed.
- DEVRIES, R. & ZAN, B.A. (1998). *Ética na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed editora.
- Dias, I. & Correia, S. (2012). *Processos de aprendizagem dos 0 aos 3 anos: contributos do sócio construtivismo*. Revista Ibero-americana de Educação, n. °60/1 p. 1-10.
- GALVÃO, J. (2000). *Um olhar sobre A Sexualidade Humana para uma paternidade responsável*. Lisboa: Paulinas.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jablon, J. , Dombro, A. & Dichtelmiller, M. (2009). *O poder da Observação- do nascimento aos oito anos*. São Paulo: Artmed.
- Louro, G.L. (2008). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva Pós-estruturalista*. 10 ed. Petrópolis- RJ: Vozes.
- Marinheiro, A. (dezembro, 2015). *A sexualidade infantil e o conhecimento do corpo em jardim de infância*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal
- Marques, A. M., Vilar, D. & Forreta, F. (junho de 2002). *Os afetos e a sexualidade na educação pré-escolar: Um guia para professores e formadores*. Alfragide: Texto Editores
- Marques, A., Vilar, D. & Forreta, F. (2002). *Os afectos e a sexualidade da educação pré-escolar: um guia para educadores e formadores*. Lisboa: Texto Editora (Educação Hoje)
- Ministério da Educação - Direção-Geral da Educação & Direção-Geral da Saúde (Ed.). (2017). *Referencial de Educação para a Saúde*. ISBN 978-972-742-414-6. Consultado em 29 setembro

2018. Disponível em
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Esauade/referencial_educacao_saude_novo.pdf
- Navarro, M. (1989). *Reflectindo sobre formação pos-graduada em saúde escolar*. Revista Saúde e Escola, n.º 4.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.
- Orientações Curriculares para Educação de Jardim de Infância (2016). Lisboa: Ministério da Educação.
- Organização Mundial de Saúde, Gabinete Regional Europeu, *Sexuality education in Europe and Central Asia: state of the art and recent developments An overview of 25 countries*. (2018)
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches - Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche*. Porto: Porto Editora
- Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebês em infantários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sanders, P., & Swinden, L. (1995). *Para me conhecer. Para te conhecer... Estratégias de Educação Sexual para o 1º e 2º ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Jardim de Infância. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação.
- Sim-Sim, I., Silva, A., & Nunes, C. (2008). Linguagem e Comunicação no
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Livros horizonte: Lisboa.
- Tavares, J., Pereira, A., Gomes, A., Monreiro, S. & Gomes, A. (2007). *Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Teixeira, F., Marques, F. (2012). *Educação em sexualidade e os media*. ELO - Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda, nº 19.
- Thierry Lenain (2004). *Será que a joaninha tem pilinha?* Editor: Dinalivro
- UNESCO, Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade, Uma abordagem baseada em evidências. Edição revista (2018)
- World Health Organization/World Alliance for Patient Safety. *Summary of the evidence on patient safety: implications for research. The Research Priority Setting Working Group of the World Alliance for Patient Safety*. Geneva: World Health Organization; 2008.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação de Infantil*. Porto Alegre: ArtMed.

Apêndices

Apêndice 1

(Pedido de colaboração aos pais)

Exmo(a) Sr(a).

Encarregado(a) de Educação

Eu, Cristiana Araújo Pereira, aluna do Mestrado em Educação Jardim de Infância, ministrado no Instituto de Educação da Universidade do Minho, encontro-me a desenvolver um projeto de investigação e intervenção na sala dos Gatos, do Jardim de Infância e Creche José Carneiro Bouças, onde decorre o meu estágio, tendo como orientadora pedagógica a educadora Sameiro Pereira e como orientadora científica a Professora Doutora Zélia Anastácio da Universidade do Minho.

O projeto é sobre o tema “A Educação para a Sexualidade em Contexto pré-escolar” e centra-se essencialmente no desenvolvimento de atitudes respeitadas no relacionamento com os outros, na descoberta do corpo humano e diferenças corporais, no reconhecimento do corpo como sua propriedade e veículo de expressão e comunicação e na promoção da saúde em geral.

Ao tratar estes temas no Jardim de Infância, é importante ter em conta o desenvolvimento de cada criança, pois todas elas se desenvolvem a ritmos diferentes e organizar alguma forma de cooperação com os pais de modo a assegurar o apoio necessário, garantindo um ajuste entre o papel informal dos pais e o papel formal da escola tal como nos dizem Hohmann e Weikart (2011), no livro Educar a Criança (p. 64).

Desta forma, venho por este meio dar conhecimento do projeto e solicitar a sua colaboração. Partimos da exploração da história “Será que a Joanhinha tem pilinha” de Thierry Lenain e apresentação de dois novos amiguinhos (o João e a Maria), dois bonecos sexuados que nos permitirão explorar as diferentes partes do nosso corpo, as diferenças entre géneros, gostos e sentimentos. Seguimos com a realização de algumas atividades de comparação e medição do “eu” agora e o “eu” quando nasci. E porque os monstros se tornaram os nossos maiores aliados no que toca a contar histórias, exploraremos os livros “A viagem de Pludim” de Sara Rodi e Vânia Beliz, (um pequeno monstro que se sente muito confuso com a sua identidade e parte numa viagem à procura de respostas) e “Pipo e Fifi” de Caroline Arcari dois monstros criados pela autora Carol Arcari, para criar um vínculo com o imaginário da criança, facilitando a abordagem sobre o corpo e sobre a violência sexual de forma eficaz e preventiva.

Assim, de modo a dar continuidade ao que iniciamos na nossa sala, venho solicitar a vossa colaboração no preenchimento, em conjunto com o seu educando, do questionário em anexo, que nos servirá de base para a descoberta do “eu”. Converse com o seu educando sobre todas as questões para que ele possa partilhar com o grupo.

Informo ainda que as atividades desenvolvidas na sala de aula poderão ser filmadas ou fotografadas, sem que, no entanto, a identificação de alguma criança seja revelada. Para informações adicionais e esclarecimento de eventuais dúvidas tanto eu como a minha orientadora da universidade disponibilizamos os nossos contactos (mestradocristianapereira@gmail.com; zeliaf@ie.uminho.pt). Na expectativa de poder contar com a Vossa colaboração, apresento os meus respeitosos cumprimentos.

Mestranda Cristiana Pereira

Apêndice 2
(Livro para os pais)



Como conversar com o seu filho sobre a nudez

- ▶ O João e a Maria são dois amiguinhos que a sala dos Gatos conheceu e que permitiu aos adultos conversar com as crianças sobre a sua própria identidade, apontando caminhos para um diálogo simples e lúdico, ensinando a diferença entre toques abusivos e toques que representam cuidado e afeto.
- ▶ Com a ajuda dos nossos bonecos sexuados exploramos as diferentes partes do nosso corpo e as diferenças entre gêneros, gostos e sentimentos.





Agora, o João e a Maria vão orientar os adultos responsáveis a falar com os seus filhos sobre a nudez. A informação da nudez em contextos saudáveis é essencial para o desenvolvimento da criança e até para a prevenção da violência sexual.



<http://www.dw.com/pt-br/a-nudez-atrav33A9s-da-arte/a-40878975>



<https://webjournalisp.wordpress.com/2015/08/21/registros-da-nudez-a-exposicao-do-corpo-como-arte-estilo-de-vida-e-arma-politica/>



<http://amusearte.hypotheses.org/1191>

A criança vai deparar-se com a nudez em diferentes contextos: Na creche, na praia, em casa, em obras de arte, em templos religiosos e até nos mídias.

Independentemente dos contexto, aquilo que vai fazer a verdadeira diferença é a forma como os adultos vão orientar as crianças sobre o tema.



- ▶ Há famílias que tratam a nudez com muita naturalidade.

Despem-se total ou parcialmente diante dos filhos, tomam banho juntos ou andando sem roupa pela casa.

- Outras famílias optam por preservar sua intimidade nos momentos de higiene e troca de roupas.

Definem espaços próprios para essas atividades, realizando-as a portas fechadas ou longe de outros membro da família.



Como agir?

Educação sexual é falar sobre o corpo, dar nomes aos órgãos genitais, ensinar a proteção contra violência sexual e muito mais.

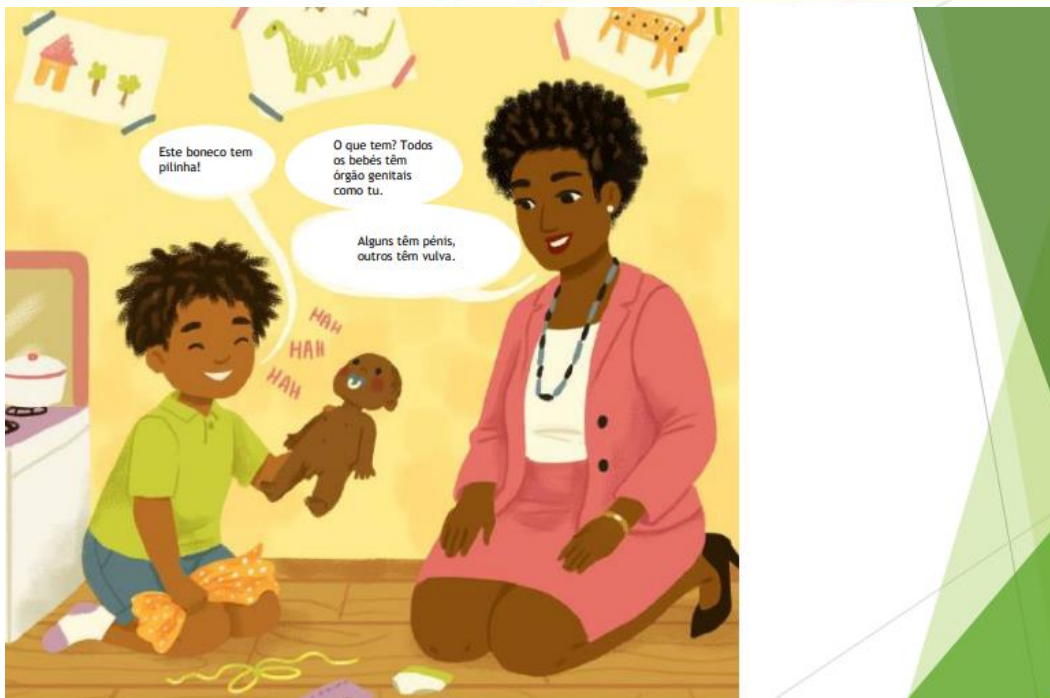
O importante é que você converse com a criança sobre o corpo, as diferenças anatômicas entre meninos e meninas e os limites referentes aos toques.

Sempre que houver, não hesite em dedicar um pouco do seu tempo para orientar os seus filhos. Essa educação sexual deve acontecer desde cedo e de forma contínua para que seja eficaz.

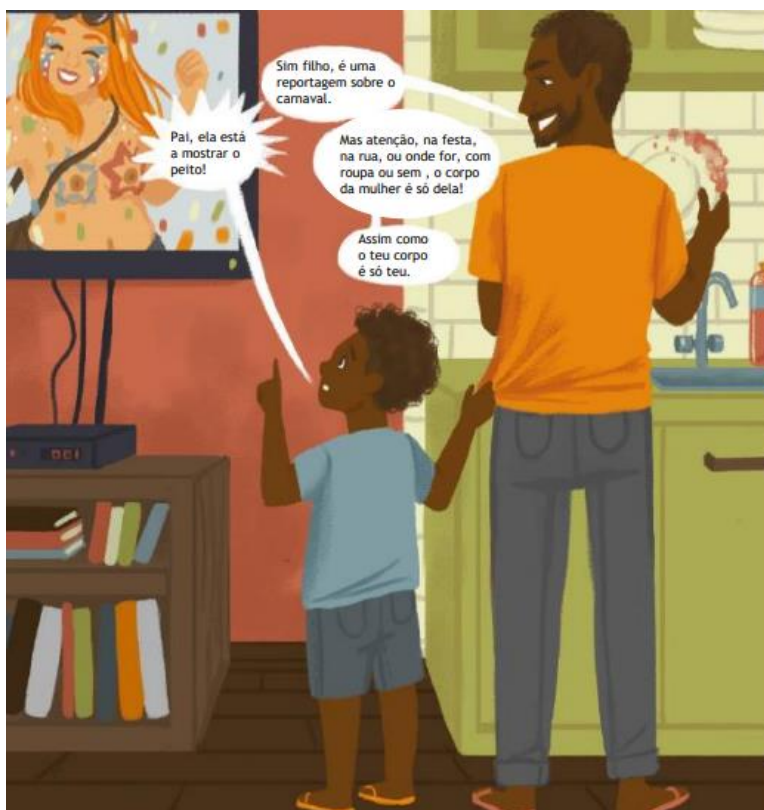
O João e a Maria vão mostrar exemplos práticos de como abordar o tema no dia-a-dia!



Fonte: Pipo e Fifi em :Como conversar com as crianças sobre a nudez?Caroline Arcari



Fonte: Pipo e Fifi em :Como conversar com as crianças sobre a nudez?Caroline Arcari



Fonte: Pipo e Fifi em :Como conversar com as crianças sobre a nudez?Caroline Arcari



Por que é que as crianças pequenas querem tocar no corpo dos adultos durante o banho?

- ▶ Porque elas são curiosas e não desenvolveram ainda a noção de pudor, inibição e privacidade.
- ▶ É neste momento que os adultos devem ensinar à criança os limites em relação ao corpo e aos toques, como ilustrado nas páginas anteriores.

A criança tomar banho com os pais pode trazer prejuízos para seu desenvolvimento?

- ▶ Essa exposição é saudável para que a criança adquira uma auto-imagem corporal positiva e aprenda as diferenças anatômicas se estivermos perante um ambiente de espontaneidade, onde há respeito aos limites em relação aos toques e clareza de que as partes íntimas não devem ser tocadas nessas situações, a menos que a criança precise de ajuda para higiene e troca de roupa.





Qual a diferença entre a nudez saudável e a nudez abusiva, que envolve violência sexual?

- ▶ A diferença é que no caso da violência, o adulto sente prazer em mostrar o seu corpo nu, a fim de avançar nas suas abordagens até chegar à violência sexual com contato físico.

Falar sobre nudez desde cedo, ajuda na prevenção da violência sexual.

- ▶ Para sua proteção contra a violência sexual, é importante que as crianças tenham uma imagem positiva sobre o próprio corpo, não tenham vergonha de fazer perguntas e de pedir ajuda, saibam nomear os órgãos genitais, definir o que são partes íntimas e aprender que nelas ninguém deve tocar.



De que forma as crianças reagem à nudez?

- ▶ À medida que a criança cresce, desenvolve o sentimento de inibição e constrói o seu próprio caminho em busca de privacidade.
- ▶ É comum, por exemplo, que ela comece a evitar a presença de adultos durante as trocas de roupa, na hora do banho ou do xixi, ficando de costas ou enrolando-se na toalha. Os responsáveis devem respeitar esse desejo de privacidade, reforçando a sua importância.



Sabia que:

Bonecas e bonecos sexuados (com órgãos genitais) são muito utilizados em programas de prevenção da violência sexual.

Bonecas com órgãos genitais podem erotizar a criança?

- ▶ As partes do corpo não são eróticas, a percepção adulta delas é que as tornam erotizadas.
- ▶ Para as crianças, partes do corpo, são partes do corpo.
- ▶ Este tipo de brinquedo/recurso ajuda a criança a entender o corpo, aprender sobre partes íntimas, higiene e limites quanto aos toques. E ela saber sobre isso não tira a sua inocência, pelo contrário, tira a criança da ignorância e traz proteção contra a violência sexual.

A relação entre as crianças tem um nome: Amizade. Insistir em namoro na infância é adultizar as crianças e incentivar a erotização precoce. Criança tem que ser criança.

Nem toda a nudez é pornografia!

É preciso diferenciar nudez de pornografia.

É bastante clara a diferença entre um ato, situação/representação obscena, que tem intenção de excitar o espectador/cliente e uma nudez como representação artística.

É só ter bom senso!

Falar sobre nudez saudável é educativo e necessário. Mas expor a criança a pornografia, é crime.

Por fim, o João e a Maria relembram:

Reforce à criança quem a pode ajudar nas situações de higiene e saúde.

Relembre sempre o que são partes íntimas, e que nelas ninguém pode tocar.

Mostre-se sempre disponível para ouvir e responder a perguntas de forma natural. Valorize o diálogo para a solução de problemas.



A mãe Grávida



Projeto: “A educação para a sexualidade em contexto pré-escolar”

Ponte da Barca, 2022

Introdução

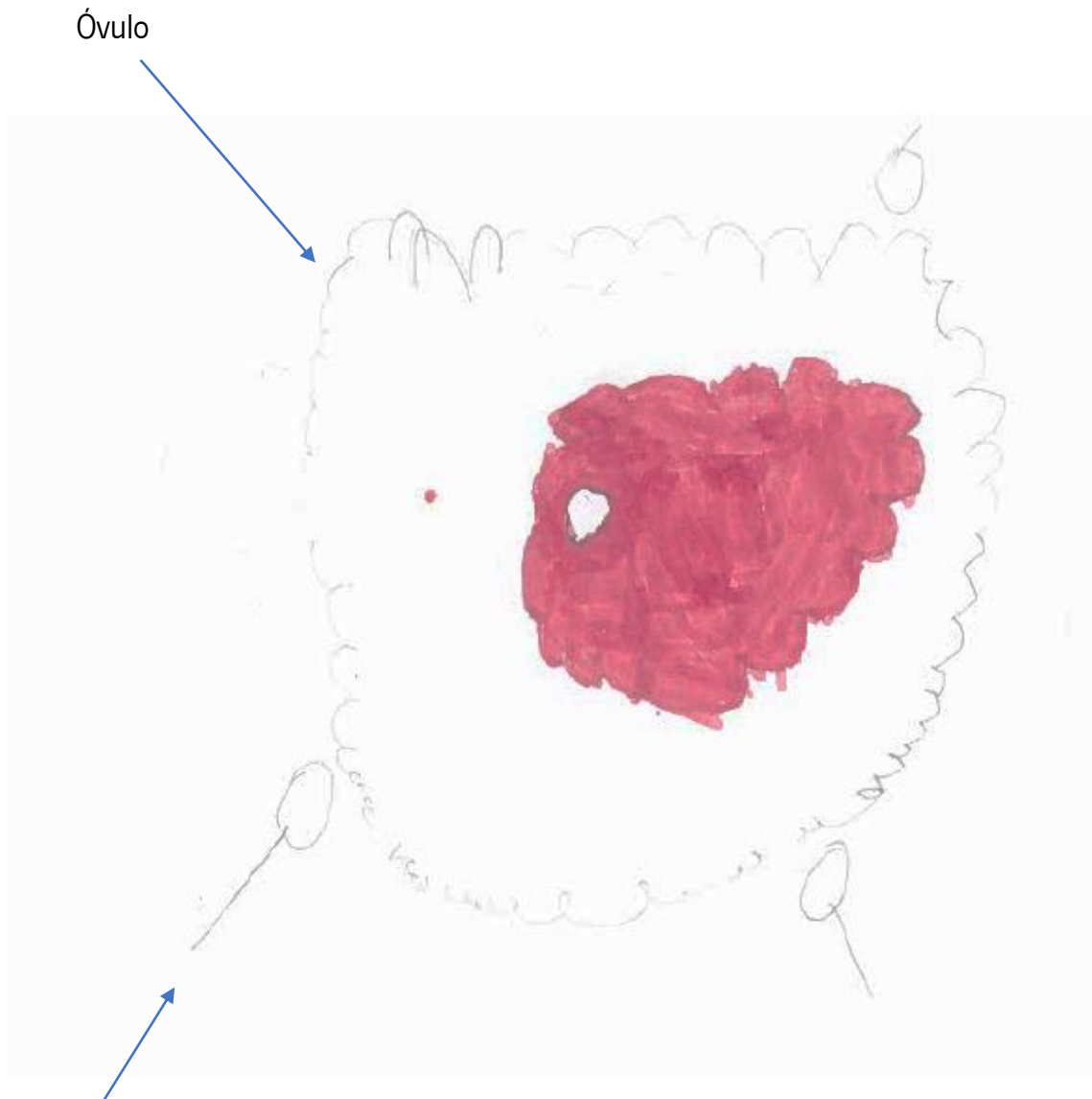
Este livro retrata um pouco do início da nossa história desde a evolução e a transformação de duas células à vida de um ser.

É constituído por desenhos elaborados pelas crianças da sala dos Gatos, do Jardim de Infância e Creche José Carneiro Bouças” com base no que foram aprendendo ao longo do projeto “A educação para a sexualidade em contexto pré-escolar” , desenvolvido pela estagiária Cristiana Araújo Pereira, aluna do 2º ano do Mestrado em Educação pré-escolar, ministrado no Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Era uma vez, um homem e uma mulher.



Os homens e as mulheres têm células especiais que juntos formam um bebê. As células dos homens chamam-se espermatozoides e as células das mulheres chamam-se óvulos.



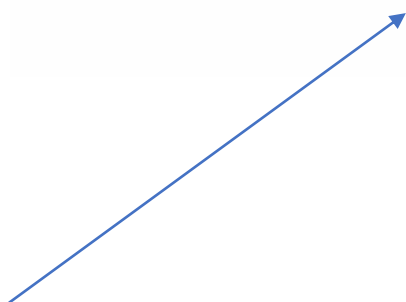
Espermatozoide

O homem tem um pênis e dois testículos. É nos testículos que se encontram as células masculinas necessárias para a formação do bebê- Chamam-se espermatozoides.

Pénis

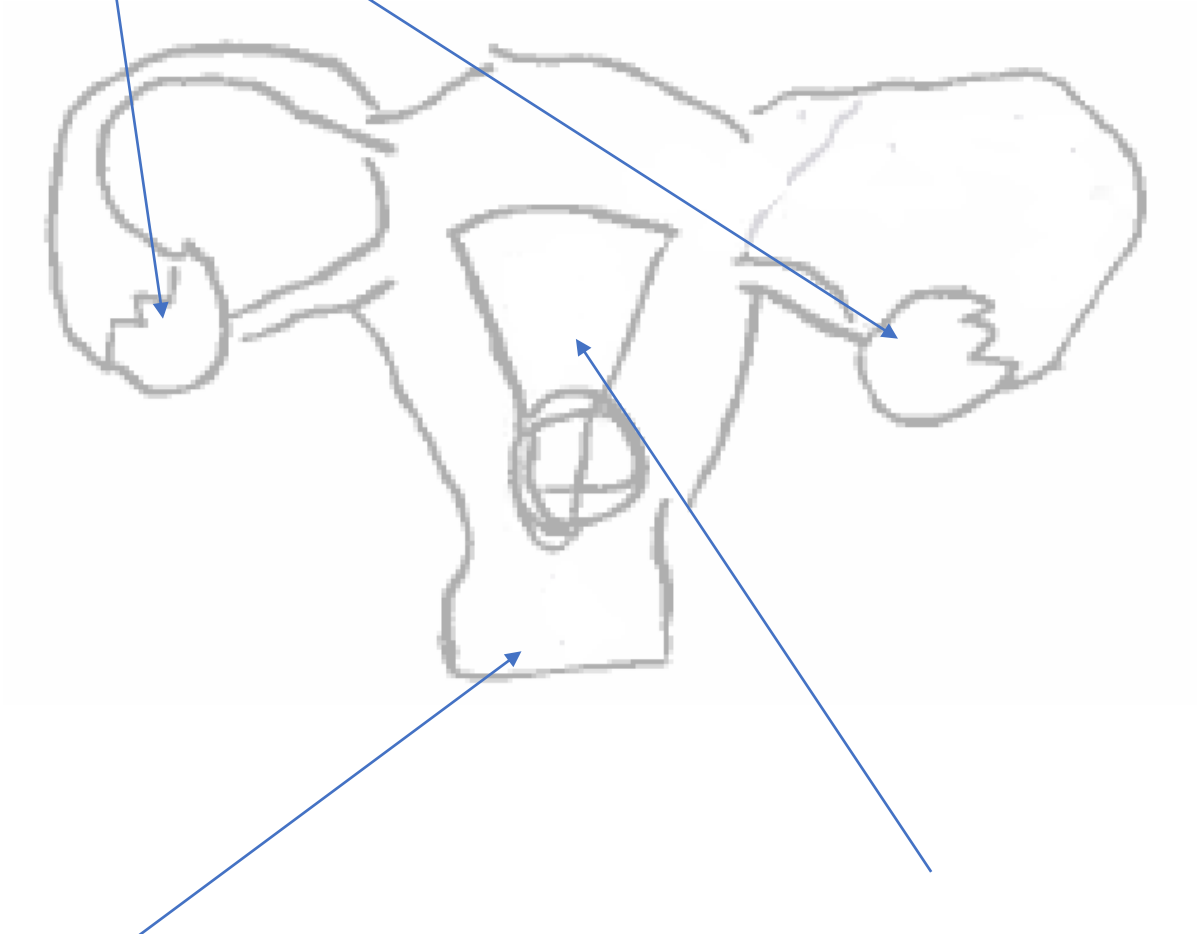


Testículos



A mulher tem a vulva, a vagina, o útero e os ovários.

Ovários



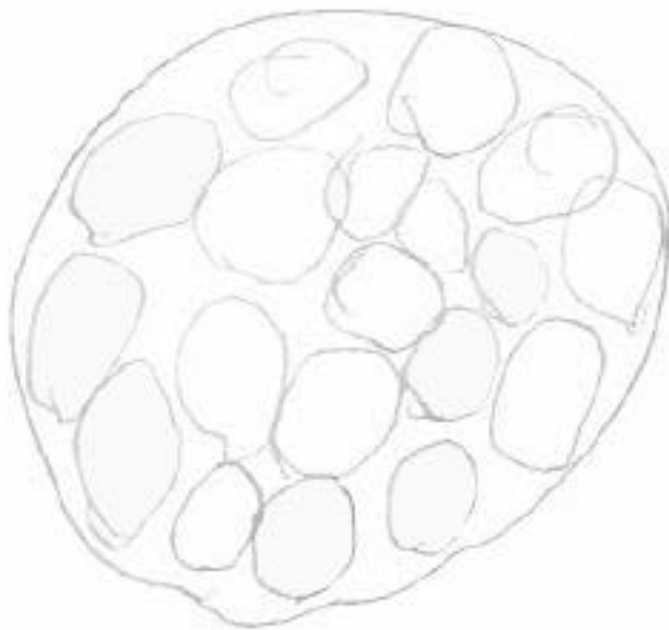
Vagina

Útero

Os espermatozoides sobem pela vagina até ao óvulo. O óvulo é a célula feminina necessária para a formação do bebé.

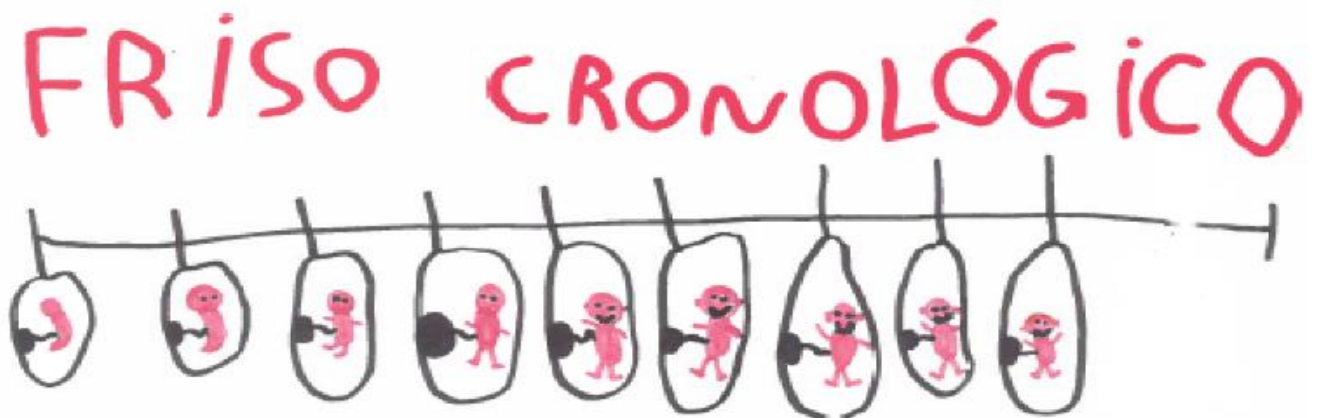


Quando um espermatozoide entra no óvulo, estes formam apenas uma célula que depois se divide em mais de 200 células que se vão desenvolvendo, crescendo e formam um bebé.



Na da barriga da mãe, o bebê encontra-se dentro do saco amniótico e ligado à placenta pelo cordão umbilical.

O bebê vai evoluindo, crescendo e aumentando de peso ao longo de nove meses.



O bebê cresce muito rápido de mês para mês!

Quando o bebê estiver completamente desenvolvido e pronto para nascer ele pode sair pela vagina ou pela barriga. Estes nascimentos diferentes são o parto natural (em que sai pela vagina) e de cesariana (em que sai pela barriga da mãe).



No parto, o médico ajuda o bebê a sair e corta-lhe o cordão por onde se alimenta e que o liga à mãe que se chama cordão umbilical.

Os bebés quando nascem bebem leite da mama da mãe. Outros bebem leite em pó.



Agora o bebé vai crescendo até ser como nós.



FIM